

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO PARA EDUCADORES DA CRIANÇA
E ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE RISCO

A ESCOLA NA VISÃO DAS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA

ZILDA MARIA DOS SANTOS

CURITIBA
2000

“Em nossas escolas, os alunos comportam-se bem nas aulas de um professor, e mal nas aulas de outro. E isso não é de modo algum porque um deles seja talentoso e o outro não, mas simplesmente porque um é mestre e o outro não”.

(MARAENKO)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Maurício Mogilka pela orientação objetiva e segura que prestou, colaborando para a realização deste trabalho.

À professora ACÁCIA KÜENZER, pela sua ousadia e dedicação na realização deste curso.

A todos os professores do curso, bem como às colegas que, juntas, caminharam comigo em busca de um saber mais consistente para melhor desenvolvimento dos nossos projetos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às crianças que colaboraram com a pesquisa, almejando uma transformação na educação escolar, que priorize eficazmente os interesses de todas as crianças, sem distinção de raça e condição social.

RESUMO

Este trabalho, denominado *A escola na visão das crianças em situação de rua*, é resultado de um estudo bibliográfico e de produção de dados através de entrevistas e questionário com 25 (vinte cinco) crianças participantes do Programa “Da Rua para a Escola”, do Regional do Pinheirinho, que apresentavam dificuldades com a frequência escolar. Objetiva a apreensão da visão dessas crianças a respeito da escola, o significado implícito nas suas colocações verbais, e o conhecimento do conteúdo que expressa o pensamento sobre a educação escolar (método de ensino, relação professor-aluno), percebendo os motivos do desinteresse e evasão escolar. O método de ouvir as crianças e observá-las na expressão não verbal, focalizando criança-escola, foi eficiente na consecução dos objetivos. Os resultados foram satisfatórios, trazendo conhecimentos que confirmam as conclusões de outros autores sobre o mesmo assunto, e conhecimentos novos que poderão contribuir para aprofundar a reflexão sobre o atual ensino, com seus métodos inadequados para ensinar as crianças provenientes de meios populares mais pobres e cultura própria dessa classe. Esta pesquisa faz críticas sobre a prática que exclui as crianças em situação de risco do direito à escolarização, através de mecanismos próprios, mas também apresenta propostas para mudança e melhoria do ensino escolar, sugeridas pelas crianças do universo deste estudo.

SUMÁRIO

EPÍGRAFE.....	ii
DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
RESUMO.....	v
INTRODUÇÃO.....	1

CAPÍTULO I

1. AS CRIANÇAS DAS CLASSES POPULARES DE BAIXA RENDA E A RELAÇÃO COM A ESCOLA.....	8
1.1. AS CRIANÇAS DAS CAMADAS POPULARES DE BAIXA RENDA E EM SITUAÇÃO DE RUA.....	8
1.2. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA INSTITUÍDA NA ESCOLA E A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RUA.....	13
1.3. A DISCIPLINA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR....	15

CAPÍTULO II

2. AS TEORIAS EDUCACIONAIS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ENSINO ESCOLAR.....	21
2.1. O SIGNIFICADO SOCIAL DA ESCOLA.....	21
2.2. TEORIAS PEDAGÓGICAS DA PRÁTICA ESCOLAR.....	22

CAPÍTULO III

3. O SIGNIFICADO DA ESCOLA PARA AS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA.....	27
3.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	27

3.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	28
3.3. A ESCOLA NA VISÃO DAS CRIANÇAS.....	35
3.4. A ESCOLA NA EXPECTATIVA DAS CRIANÇAS.....	40
4. CONCLUSÃO.....	45
5. ANEXOS.....	51
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75

INTRODUÇÃO

A Escola como direito de todos e dever do Estado e da família (Constituição Federal de 1988), aponta para contradições quando depara-se com a realidade social excludente com relação à classe marginalizada. O Estatuto da Criança e do Adolescente assegura direito a toda criança e adolescente a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Embora a lei garanta o acesso e permanência para todos, na prática não é o que normalmente acontece. Muitas crianças nunca foram matriculadas por falta de vagas, ou deixaram de freqüentar por terem sido expulsas (transferência compulsória), mesmo proibida, ou ainda por evasão escolar.

Outro fato relevante é que muitas crianças, vinculadas ou não à escola, demonstram desinteresse pela freqüência escolar. Ter ciência da existência do seu direito não basta para estimular a escolarização das crianças das classes desfavorecidas social e economicamente.

A escola é realmente um valor para essas crianças, ou uma obrigação imposta pelos pais em função do programa no qual estão inseridos? Esta questão foi respondida pelas próprias crianças através de entrevistas. A escola é mais voltada para o ensino formalizado, desligado da realidade social das crianças e de suas expectativas, tornando-se enfadonha e desinteressante.

Entender a relação da escola com os alunos, onde se processa a exclusão pela inadequação do método de ensino, não foi suficiente para compreender o contexto da relação desses alunos com a escola, onde se insere o significado da escola para esses, e que projeções da educação escolar correspondem de fato às suas aspirações pessoais. Nesse contexto, como as crianças em situação de risco vêm a escola? O que significa para elas freqüentar uma aprendizagem escolar que está além de suas possibilidades de compreensão, devido à cultura condicionada pela realidade social em que vivem, diferente da cultura transmitida pela escola? Estas questões nortearam as investigações da pesquisa com 25 crianças de 07 a 13 anos, participantes do programa “Da Rua para a Escola”, com dificuldades de aprendizagem e desinteresse pela freqüência escolar.

Os dados foram produzidos por meio de respostas a questionários e entrevistas coletivas, enfocando objetivamente os aspectos que expressam a visão e o significado da escola para essas crianças.

O trabalho social educativo do programa tem por objetivo garantir o acesso e freqüência escolar para as crianças em situação de rua a fim de afastá-las das atividades geradoras de renda nas ruas ou da perambulância, apoiando suas famílias na conquista dos direitos fundamentais, alimentação, saúde, educação, lazer, orientações e informações importantes para o desenvolvimento instrutivo dessas famílias.

O Programa “Da Rua para a Escola” é desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Curitiba, coordenado pela Secretaria Municipal da Criança, atuando de forma matriciada, isto é, às Secretarias Estadual e Municipal de Educação cabe o acompanhamento escolar de cada criança, garantia de vagas e frequência escolar; à FAS (Fundação de Ação Social), cabe o acompanhamento da família, atendendo-as em suas necessidades básicas; à Secretaria Municipal da Saúde, cabe o acompanhamento da saúde da família; à Secretaria do Esporte e Lazer, as atividades esportivas no contraturno escolar; à Secretaria Municipal de Abastecimento, as orientações sobre alimentação, e cultivo de hortas caseiras; à Fundação Cultural de Curitiba, as atividades culturais e recreativas nos contraturnos.

Embora este programa apresente resultados imediatos com relação à frequência escolar da maioria das crianças, para aquelas habituadas a permanecer nas ruas em tempo integral desenvolvendo atividades geradoras de renda ou que faziam das ruas espaço de moradia, os resultados são mínimos. Essas facilmente se evadem ou mal freqüentam a escola. É importante salientar que parte dessas crianças já estavam sendo escolarizadas quando entraram no programa; outra parcela estava definitivamente fora da escola por evasão, falta de vagas ou desinteresse dos pais.

Considerando que o programa propõe atender a família de forma integral, com fornecimento de cestas básicas, orientações, atendimento à saúde, educação, lazer, etc., poderia apresentar

melhores resultados com relação à escolarização das crianças. Os pais assinam termo de compromisso para afastá-las das ruas e freqüentar assiduamente a escola, contudo demonstram fragilidade diante do impulso das crianças em abandonar a escola e voltar às práticas de rua. As Secretarias Estadual e Municipal de Educação, responsáveis por criar condições para a freqüência escolar das crianças, assegurando-lhes a aprendizagem, têm dificuldades com relação às escolas. Estas não estão preparadas para desenvolver o processo pedagógico que inclua as crianças das classes marginalizadas ou em situação de rua. Os diretores e professores resistem à mudança de atitude em atender essas crianças nas suas dificuldades de adaptação. As escolas refletem, em sua atuação, o pensamento discriminatório: “As crianças são feitas para a escola, aprendam quem puder e quiser”, e não se preocupam em mudar a forma de pensar para: “A escola deve ser feita para as crianças”. Desse modo, são comuns reclamações quanto à indisciplina ou comportamento problemático desses alunos, demonstrando que não sabem lidar com eles. A defasagem escolar exprime essa relação complicada escola-aluno.

Em 1998, das 87 crianças do programa matriculadas na escola (Regional Pinheirinho), 28 foram reprovadas por déficit de aprendizagem e falta de freqüência escolar. Todas apresentavam desinteresse pela escola. Dentre essas, 19 são crianças com vínculo mais forte com a rua.

Essa situação confirma que a escola não se prepara para assumir o desafio de uma sociedade constituída na relação de classes, onde as contradições permeiam o dinamismo do ensino-aprendizagem do contexto escolar e para uma atuação pedagógica que corresponda aos interesses das crianças das classes populares desfavorecidas, que não se adaptam facilmente ao ambiente e método de ensino. Essas se obrigam a abandonar por um período diário, seu mundo real, na família e na comunidade, para entrar num universo abstrato, fora de seu contexto habitual, onde a formalidade toma o lugar da informalidade, a liberdade cede lugar para a obrigatoriedade, sem entender o porquê das coisas, o significado, os conceitos colocados, em que não conseguem se envolver e aprender.

As crianças tendem a se afastar daquilo que para elas nada ou pouco significa. Interpretam o mundo a partir de sua realidade e das referências culturais de seu próprio meio. Além disso, entendem que a perspectiva social posta não é a desejada. Isto é, o que a escola está construindo corresponde a uma expectativa futura para esta população? Para quem sabe que viver o momento presente ou buscando sobreviver, de forma prazerosa, brincar nas ruas, guardar carros, usar drogas para evadir-se do sofrimento, é melhor que a ilusão de um futuro que dificilmente existirá, um futuro que lhe traga melhoria das condições sociais de vida via escolaridade. Então, a escola é algo fora das suas expectativas, contrária às suas aspirações e convicções de direito, que não traz prazer, mas a repressão de seus sentimentos e expressão de seu modo de ser, e

ainda a repressão do desejo de rebelar-se contra um sistema educacional injusto e excludente, de uma sociedade injusta.

Compreender o contexto da instituição escolar a partir da visão dessas crianças foi o ponto convergente deste estudo para ampliar os conhecimentos da relação criança-escola, em vista de uma atuação mais eficiente no desenvolvimento do programa e contribuir para a reflexão e mudança nos métodos de ensino, fundamentada numa visão compreensiva do contexto social e cultural dessas crianças, correspondendo aos seus interesses e necessidades, para uma prática pedagógica voltada para assegurar o direito à escolarização a todos os cidadãos de qualquer classe social.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro caracteriza as crianças das camadas populares e em situação de rua e suas famílias, no modo de se expressar em sua cultura. Dentro desse contexto, a relação com a escola, a questão da discriminação *versus* evasão escolar, e a indisciplina na visão da escola e de autores que analisam a partir da relação professor-aluno e método de ensino. O segundo capítulo analisa as teorias da educação no contexto histórico-político brasileiro, focalizando os interesses políticos nas teorias educacionais de ensino escolar e o pensamento crítico de autores nos debates, em vista de transformação da escola e da sociedade. O terceiro capítulo trata dos resultados e conclusões deste estudo. Mostra através de pesquisa a visão e significado da escola para as crianças em situação de rua, participantes do Programa "Da Rua para a Escola", e apresenta uma análise dos

dados obtidos, em comparação com as de outros autores, confirmando e trazendo conhecimentos novos. Esses conhecimentos sobre a relação criança-escola traz propostas a partir das crianças, de seus interesses e expectativas que poderão contribuir para a inovação do ensino escolar.

CAPÍTULO I

1. AS CRIANÇAS DAS CLASSES POPULARES DE BAIXA RENDA E A RELAÇÃO COM A ESCOLA

1.1. AS CRIANÇAS DAS CAMADAS POPULARES DE BAIXA RENDA E EM SITUAÇÃO DE RUA

A rua constitui um espaço de sobrevivência para aqueles que buscam uma saída para a situação de miséria a que estão relegados pelo sistema econômico-social de nosso País, onde podemos constatar, nas crianças, três características que fazem parte de uma mesma categoria, A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RUA:

a) crianças que estão nas ruas desenvolvendo atividades geradoras de renda para contribuir na manutenção familiar, com vínculo com a família;

b) as que perambulam e não exercem propriamente atividade geradora de renda, mas estão nas ruas por fuga da família ou por outros motivos, saem de casa e voltam conforme a necessidade;

c) as que fazem das ruas espaço de moradia, sem vínculo familiar.

Dessa categoria o primeiro e o segundo grupo estão inseridos no Programa "Da Rua para a Escola".

A criança em situação de rua vive a insegurança permanente por estar exposta a todo tipo de exploração, violência e drogadição,

que podem conduzi-la à delinqüência. Marcada pelo sentimento de inferioridade diante de outras crianças assistidas e protegidas pela família, essa, desde o início de sua infância, já começa a participar de soluções para sobreviver, quando deveria freqüentar atividades educativas e a escola, mas as condições sociais de vida a obriga a privar-se de seus direitos fundamentais.

Como expressa Cheniaux, (1988):

Na escola deparam-se com um sistema de ensino inadequado com relação às suas condições de vida. A escola quer 'tornar igual' pessoas diferenciadas, não levando em conta suas potencialidades, e neste processo seletivo são eliminadas, por serem menos capazes. (CHENIAUX, 1988:35).

Essa colocação da autora confirma que essas crianças não se vinculam com a escola porque a própria escola não se relaciona com elas de forma a incentivá-las a permanecer e aprender. Ao contrário, são tratadas como iguais às outras no que se refere às condições de aprendizagem, descartando suas aptidões pessoais e a experiência adquiridas do ambiente cultural do qual procedem.

Segundo o pensamento da mesma autora, constata-se que, desapropriadas do direito à escolarização, essas famílias de onde procedem as referidas crianças, têm dificuldades de acesso ao trabalho e participação social e seus filhos também vão entrando na mesma categoria de "analfabetos" ou "semi-analfabetos", repetindo de geração em geração a classe dos excluídos da escola.

O trabalho configura uma saída, como meio de participação social porque não têm condições de competir numa sociedade competitiva. Então, sujeitam-se pais e filhos, não importa a idade, ao trabalho nas ruas. Não podemos considerar como integrante do setor informal do mercado esse tipo de trabalho, mas como intermitente e ocasional, e nem como autônomo, mesmo gerando renda, mas como estratégia de sobrevivência da família.

Há crianças e adolescentes que conseguem ganhar mais que os chefes de família ou outros adultos, o que lhes permite passar da condição de dependentes para mantenedores da família na medida em que contribuem mais. É neste contexto que as relações intra-familiares deixam de ser verticais (com relação à autoridade paterna ou materna) para ser horizontais, onde pais e filhos se igualam na superação das necessidades básicas e ação educativa.

A dependência química e as brigas, em quase todas as famílias, fazem parte do cotidiano vivido, contribuindo para a separação do casal e desintegração. A família desintegrada entra num processo de reconstrução familiar, onde as trocas de parceiros (homem ou mulher) destituem o poder paterno ou materno para fortalecer os laços de parentesco, em que os papéis familiares se desenvolvem ao compartilhar responsabilidades, constituindo assim um tipo de família diferente da família nuclear. Podemos observar famílias compostas de somente pai ou mãe, padrasto ou madrasta, avós ou avôs, netos, tios e outros parentes, e em muitos casos uma mistura de todos os graus de parentesco numa só família. É comum o

ZILDA MARIA DOS SANTOS

A ESCOLA NA VISÃO DAS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização para Educadores da Criança e Adolescente em Situação e Risco, da Universidade Federal do Paraná. Orientador: Professor Maurício Mogilka.

M
EDUCAÇÃO
S. 237 e
2000

CURITIBA
2000

2-

filho ir morar com os avós ou outros parentes quando a situação familiar obriga, para resolver problemas. A base que constitui o grupo familiar é a sobrevivência, e não as relações afetivas entre os familiares. Faz-se necessário sobreviver porque o “viver dignamente” é uma utopia.

Cheniaux afirma que:

Quando o sistema social não possibilita à família o desempenho de sua principal função – a de prover e educar a prole, proporcionando os meios necessários ao seu crescimento sadio e equilibrado – permite que as crianças fiquem impedidas dos folguedos da infância e sejam levadas a trabalhar em condições prejudiciais e incompatíveis à sua minoridade, ao mesmo tempo em que são indiferentes a essa ‘situação’, não dispensando a necessária proteção à clandestinidade e à exploração a que esses menores estão sujeitos pela ‘via trabalho’, sobretudo em relação às atividades de rua. Na impossibilidade de a família assumir essa função educativa em relação à prole, a sociedade deveria proporcionar os meios adequados ao desenvolvimento físico, emocional e intelectual a que essas crianças teriam direito como seres em formação. (CHENIAUX, 1988:38).

Para Marx, é a base material que determina a consciência, a visão de mundo ou de sociedade. Para essas crianças e suas famílias, a visão de mundo e suas aspirações estão voltadas para a sobrevivência e elas têm uma visão crítica dos problemas e situações, quando demonstram que percebem que a sociedade as trata de forma diferente. E os valores culturais adquiridos na vivência da pobreza produzem comportamentos divergentes, opostos aos valores socialmente aceitos. Nas escolas, principalmente, são comuns os conflitos gerados por esses comportamentos ditos problemáticos dos

alunos, mas que na realidade estão protestando contra a forma como são tratados e contra o sentimento de incapacidade que lhes é inculcado pelos professores e colegas. Quando evadem-se da escola e mesmo do trabalho, estão se desviando dos padrões sociais da classe dominante. Marginalizada, essa população cria suas regras e leis próprias, a partir dos valores de sua condição social. Diz Cheniaux:

O estereótipo de pivete é um dos atributos que esta parcela da população recebe do grupo dominante, marginalizada que é pela sociedade que a impede e à sua família de participar do processo de produção, revelando um ciclo vicioso a que está remetida como um processo cumulativo de causas da situação em que se encontra e efeitos dos demais. Nessas condições, o menor é trapaceado e se torna um 'trapaceiro' dentro desse mesmo sistema como condição para sobreviver. (CHENIAUX, 1988:83).

Tanto a escola como qualquer outra instituição, na sua ação educativa, falha muito quando não leva em consideração os valores da população atendida, sua cultura, (vista como subcultura da pobreza para alguns autores), que está alicerçada na cultura mais autêntica de um povo. Não valorizar ou ignorar isto, é não considerar os problemas infra-estruturais do nosso País. As crianças e adolescentes nas ruas fazem parte da força de trabalho urbana e excluída, e não estão porque preferem ou querem, mas porque são obrigados pela marginalização e exclusão social em que vivem. A presença dessas nas ruas significa: - denúncia do sistema constituído na base das injustiças sociais.

1.2. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA INSTITUÍDA NA ESCOLA E A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RUA

A questão da relação professor-aluno deve ser entendida no contexto da ação pedagógica do ensino-aprendizagem que engloba todos os aspectos funcionais da escola: organização, currículos, normas de avaliação e postura político-profissional dos docentes.

Mello, (1978), afirma em seu discurso que o caráter seletivo da educação formal exclui principalmente as crianças das classes populares marginalizadas, que não conseguem acompanhar e desenvolver por si mesmas o processo de aprendizagem. O método de ensino tradicional e verbalista (usa-se mais a fala na didática) é prejudicial para as crianças procedentes de meios pobres, as formas de comunicação verbal exigidas pelas “normas cultas” leva as crianças ao fracasso escolar. «Os currículos são planejados para alunos que já dominam os conceitos básicos que são pré-requisitos para a aprendizagem, sem considerar que essas crianças vêm de ambientes culturais diferentes e não podem assimilar conceitos sem antes compará-los com os conceitos próprios que elas trazem para o ambiente escolar, ou seja, adaptar os conteúdos à sua realidade.

Além disso, carregam preconceitos contra essa classe e uma visão preconceituosa de que o fracasso escolar está relacionado com a falta de interesse e esforço do aluno, e não dos professores que marginalizam esses alunos quando não conseguem solucionar esses problemas. A visão que têm desses alunos é que são indisciplinados, sem motivação, porque provêm de famílias carentes e pobres.

Segundo a autora, o mesmo não acontece com as crianças das camadas mais favorecidas economicamente. Elas assimilam com mais facilidade os conteúdos, porque o ambiente familiar de onde vêm corresponde à cultura transmitida pela escola e não são discriminadas, são mais valorizadas e os professores investem mais no desenvolvimento da aprendizagem desses alunos. Ainda mais, a escola para esses, é a garantia de um futuro profissional; enquanto que, para aqueles, a escola é apenas um meio de aquisição de conhecimentos e habilidades necessárias nas interações sociais.

A escola precisa democratizar-se, mudar seu método de ensino de modo que inclua todas as crianças, sem distinção de classe social; adaptando os conteúdos às crianças pobres, o que não significa dispor apenas parte dos conhecimentos elaborados, mas criar formas de ensiná-las para que elas aprendam e não apenas passem de ano, como atualmente acontece com a implantação da escola ciclada, em que a reprovação poderá acontecer nas séries mais avançadas, se o aluno não dominar os conteúdos.

De qualquer forma, o problema não poderá ser solucionado se os professores não se capacitarem para ensinar de fato a todas as crianças. Para isso é necessária a capacidade para entender e trabalhar conteúdos trazidos pelas crianças. Elas trazem consigo experiências acumuladas, produto das relações sociais em que vivem, na cultura do senso comum.

Esse senso comum contém elementos de resistência à repressão a que estão submetidas pela classe dominante, que se

expressam no folclore, hábitos e valores estratégicos de sobrevivência, normalmente contrários aos padrões sociais estabelecidos. Contraditoriamente as concepções mágicas, fatalistas dos acontecimentos, crenças supersticiosas que explicam os fatos, inclusive a desigualdade social, contribuem para a manutenção da dominação estrutural da sociedade.

O despreparo dos professores leva a desenvolver uma prática educativa mais voltada para a disciplina escolar, entendida como: transformar o aluno rebelde em “bonzinho”, submisso e flexível ao professor, com o objetivo de criar ambiente para que possam impor seus conhecimentos, não se preocupando com os alunos que não estão aprendendo.

O ensino, se apresentado de forma árida, repetitiva, sem criatividade, torna o aprendizado desinteressante para o aluno. E, ao contrário, quando o professor utiliza técnicas novas, estimulando a criatividade dos alunos, condicionando-os a desenvolver capacidades latentes, em clima de respeito, e preparando-os para entender o que está sendo colocado, faz a disciplina e a aprendizagem acontecer naturalmente.

1.3. A DISCIPLINA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Franco, (1986), faz uma análise da *disciplina na escola*, baseada nas contribuições teóricas de MAKARENKO e GRAMSCI,

que analisam a educação relacionada com a disciplina, na relação educador-educando.

Segundo o autor, a disciplina faz parte de um conjunto de elementos necessários para o desenvolvimento do processo pedagógico educativo. Não pode ser reduzida a uma finalidade em si mesma, mas deve ser um meio ou condição indispensável no processo educacional. Está relacionada a todos os aspectos da organização escolar, ao processo de transmissão e assimilação dos conhecimentos (método de ensino, interação professor-aluno, conteúdos).

Para a maioria das escolas, a disciplina tornou-se um meio de ajustar os alunos ao processo pedagógico da prática escolar. As normas disciplinares autoritárias são anti-democráticas e não levam ao desenvolvimento da autonomia. Conseqüentemente, dificultam a aprendizagem escolar. Para MAKARENKO, a disciplina é o resultado da ação educativa que leva o aluno ao esforço e trabalho na conquista do saber, compreendendo que sem a disciplina é impossível a escola atingir sua finalidade.

O papel da escola é exigir o máximo do aluno e, ao mesmo tempo, distingui-lo com o maior respeito possível. Exigir o máximo do aluno, no entanto, não pode significar exigir o que está além das suas possibilidades, não podem ser exigências grosseiras e desligadas das pretensões e capacidades dos alunos. É preciso ter respeito profundo pelo aluno, mas sem prejuízo da convicção de que o homem só se realiza na vida social. (MAKARENKO in FRANCO, 1986, in Revista ANDE, nº 11).

O aluno, compreendendo a importância da disciplina, sua necessidade e utilidade na aquisição dos conhecimentos, sente-se co-responsável em criar ambiente onde possa cultivar seus estudos, desde que este seja respeitado em suas aspirações, experiências de vida, e valorizado como pessoa com capacidade de aprender. Quando faz algo que lhe agrada, tomando consciência da importância para a sua vida, faz com satisfação e alegria.

Portanto, ensinar significa ajudar a pessoa a descobrir sua capacidade de aprender e se interessar pelo que se está aprendendo, e para isso exige-se competência pedagógica. Um aluno disciplinado é alguém interessado em aprender. Este interesse está ligado ao método de ensino que o professor utiliza. O aluno, percebendo que o professor está interessado em que os alunos aprendam, dispendo-se a ajudá-los nas suas dificuldades, também se interessa em aprender.

Só se alcança a disciplina através do trabalho conseqüente do coletivo da escola, de uma escola onde o aluno se sinta feliz e co-responsável pelo êxito escolar, uma escola em que cada aluno deve sobretudo estar convencido de que a melhor disciplina é conseguir o fim visado pela coletividade. (MAKARENKO in FRANCO, 1978, in Revista ANDE, nº 11).

Para Gramsci, "A disciplina significa a capacidade de comandar a si mesmo". (GRAMSCI, 1976, in FRANCO, 1986, in Revista ANDE, nº 11).

É a capacidade do aluno de impor domínio sobre sua conduta que atrapalha ou impede o desenvolvimento da aprendizagem. Segundo o mesmo autor, “a escola deve preparar o aluno para ser dirigente e não subalterno.” Isto é, educar para a autonomia pessoal em que a responsabilidade em todos os aspectos seja o ponto de partida para toda e qualquer ação, tanto do professor quanto do aluno, deve ser a meta da educação. Para isso exige esforço, disciplina e trabalho. A missão da escola é capacitar os alunos para assumir de forma competente o seu papel na sociedade.

A questão da indisciplina está ligada aos fatores internos da dinâmica escolar, relacionados ao contexto da prática pedagógica dos professores. Em geral, são professores autoritários, não permitem aos seus alunos manifestarem sua forma de pensar, suas opiniões, e sobretudo a sua criatividade. As aulas são mal preparadas, os conteúdos são transmitidos abstratamente, não relacionados com a prática social: lidam com alunos ideais, e não reais. Assim, as aulas se tornam insuportáveis, sem novidades e sem criatividade.

Expressa Rosenberg:

A criança indisciplinada está tentando dizer alguma coisa para o professor. É preciso saber ouvir e compreender a mensagem que se esconde por trás do comportamento indisciplinado. E o que o aluno poderia estar tentando dizer ao professor com os constantes atos de indisciplina? Possivelmente que a escola que aí está não lhe proporciona alegria, satisfação e tampouco uma aprendizagem consistente, estando desta maneira muito distante

de suas aspirações e necessidades. (ROSENBERG, in FRANCO, 1986, Revista ANDE, nº 11, ano 06).

Desse modo, a escola para os alunos das camadas populares desfavorecidas economicamente, torna-se um fardo quando não corresponde às suas aspirações. São obrigados a tolerar as aulas que não trazem aprendizagem e a submeter-se a esquemas precários de recuperação e avaliação, que os fazem reprovar porque não assimilaram os conhecimentos transmitidos pelo professor. Sentindo-se inaptos para o desempenho das atividades escolares, evadem-se e dificilmente retornam.

Considerando as dificuldades desses professores, não preparados adequadamente, é preciso ressaltar que os baixos salários também contribuem para não se atualizarem ou se capacitarem melhor através de cursos de qualidade, porque não têm condições financeiras para isso. Essa situação os leva ao desestímulo e desilusão com a prática profissional da educação escolar. Na escola pública, alunos e professores são vítimas do sucateamento e desqualificação do ensino por conta da política educacional que não prioriza e não investe na qualidade de ensino e na preparação adequada dos professores, mas, ao contrário, diminui os investimentos, barateando os custos com a educação.

Os educadores precisam lutar, não somente pela melhoria dos salários, mas também pela mudança dos métodos, para que correspondam às aspirações de todos os alunos. Em síntese, para a

qualidade do ensino e a democratização da escola. Expressa Snyders:

Uma escola ligada à vida, ou seja, na qual os alunos provenientes das classes trabalhadoras não se sintam como um 'corpo estranho', e potencialmente voltados ao fracasso. Um escola onde o aluno é feliz, de uma felicidade intensa que não exclui momentos difíceis, austeros. (SNYDERS, 1977, in FRANCO, 1986, Revista ANDE, nº 11, ano 06).

Esta análise sobre a indisciplina escolar relacionada com o contexto da prática pedagógica do ensino, faz-nos entender as causas do desinteresse escolar das crianças em situação de rua, com as quais o Programa "Da Rua para a Escola" atua especificamente. Embora as contribuições teóricas de vários autores esclareçam o problema em todos os aspectos, faz-se ainda necessário verificar o ponto de vista dessas crianças a respeito da escola, a partir das suas próprias colocações: como elas entendem o problema; como percebem a relação delas com a escola e vice-versa, e o significado para as suas vidas, considerando suas aspirações. E para maior compreensão da indisciplina do ponto de vista das crianças, precisa focar o interacionismo simbólico, referencial teórico que busca explicar a relação professor-aluno, a forma como são entendidas as situações conflituosas em sala de aula a partir dos significados contidos na visão dos professores e dos alunos.

Para isso, serão utilizadas as contribuições de autores como Estrela (1994), e Silva (1996), que explicam a questão da indisciplina fundamentada no interacionismo simbólico.

CAPÍTULO II

2. AS TEORIAS EDUCACIONAIS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ENSINO ESCOLAR

2.1. O SIGNIFICADO SOCIAL DA ESCOLA

MOCHCOVITACH, (1976), faz uma análise do significado social da escola, baseando-se no pensamento de GRAMSCI. O autor define a função da escola ligada ao aspecto hegemônico do Estado capitalista com duas funções determinadas: a coercitiva, aparato de repressão, e a hegemônica, aparato de consenso social da sociedade civil com o papel implícito de obter o consenso e a adesão das classes dominadas. O papel hegemônico é o de educador para se constituir o bloco histórico que é o jogo dialético entre as duas funções, que se traduz em hegemonia revestida de coerção.

Segundo o mesmo autor, o significado e a função da escola de acordo com GRAMSCI podem ser entendidas no contexto da discussão sobre a “escola comum e única” nos finais do século XIX, no desenvolvimento das democracias capitalistas européias, na luta para expandir o ensino público para todas as classes sociais. A noção de que a educação é um dever do Estado começa a se firmar como “função essencial do Estado que se pretende ético e educador”, fortalecendo o domínio ideológico da sociedade

capitalista em processo emancipatório político, no estabelecimento da nova ordem nascente – a burguesia.

A educação antes exercida no plano religioso passa gradativamente a ser exercida também pelo Estado. Para PAIVA, (1984), é relevante o papel dos movimentos populares e o pensamento socialista na questão da relação Estado-Escola. A formação do cidadão e a igualdade burguesa seriam realizadas via democratização do ensino escolar.

SAVIANI, (1982), afirma que a educação deve ser entendida como uma atividade mediadora da prática global no contexto de uma sociedade concreta, historicamente situada. Para BAUDELOT & ESTABLET, in MOCHCOVITACH (1976), a escola é um fenômeno típico da sociedade capitalista. Baseado nesses autores, a escola historicamente significa um instrumento de veiculação ideológica e legitimação da dominação capitalista. Embora seja também um espaço contraditório no qual se possa exercer uma prática pedagógica visando a libertação da dominação com orientação democrática, mesmo num espaço restrito, mas a realidade que se apresenta manifesta predominantemente a inculcação ideológica da sociedade dominante.

2.2. TEORIAS PEDAGÓGICAS DA PRÁTICA ESCOLAR

SAVIANI, (1980), analisa as teorias educacionais que explicam a questão da marginalidade relacionada com a educação e a

sociedade, classificando-as em duas correntes: as teorias não críticas e as teorias crítico-reprodutivistas.

O primeiro grupo não considera as causas reais da marginalidade. Entende como um fenômeno acidental que atinge individualmente as pessoas e pode ser solucionado via educação, construindo uma sociedade igualitária.

O segundo grupo vê a sociedade dividida em duas classes antagônicas que se relacionam opressivamente e se manifestam nas condições da vida humana. As causas da marginalidade se situam na própria estrutura da sociedade. A educação depende desta estrutura social geradora de marginalidade que tem como função manter e legitimar a dominação.

As teorias *não críticas* classificam-se em:

a) *Pedagogia Tradicional*, baseada no princípio “Educação como direito de todos e dever do Estado”, que explica a marginalidade a partir da ignorância e que a educação pode contribuir para a igualdade social;

b) *Pedagogia Nova*, centrada no aluno, que vê a marginalidade a partir da rejeição social e a função da educação é acolher e adaptar o indivíduo à sociedade. Fundamenta a prática na ação, na atividade da criança, considerando sua capacidade e estimulando-a a aprender. Esta pedagogia foi gestada no movimento escolanovista de renovação da escola, anteriormente respaldada na pedagogia tradicional, considerada arcaica. A Escola Nova inovou o ensino escolar, na relação professor-aluno e no desenvolvimento intelectual

das crianças. Embora contradizendo o autor, que classifica a Escola Nova como pedagogia não crítica, vale ressaltar que esta pedagogia poderá também ser utilizada de forma crítica, e isto dependerá do compromisso social dos educadores escolares, dos objetivos da prática e da finalidade da escola. É como uma espada de dois gumes: servirá tanto para alienar como para desenvolver um processo pedagógico crítico, voltado para a transformação.

c) *Pedagogia Tecnicista*, voltada para o método de ensino. Baseia-se nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, no qual o processo educativo é operacional. Esta pedagogia foi imposta pelo regime militar e orientada pela Assessoria Americana através de acordos MEC-USAID, implantada pela Lei 5692/71.

As teorias *crítico-reprodutivistas* classificam-se em três correntes:

a) *Teoria do Ensino como Violência Simbólica* que se expressa na imposição da cultura dominante para legitimar a sociedade de classes;

b) *Teoria da Escola como Aparelho Ideológico do Estado*, que mantém a dominação pela função ideológica e repressiva;

c) *Teoria da Escola Dualista*, que parte da sociedade de classes e a educação tem a função de manter essa divisão. Para esta teoria a escola compõe-se de duas grandes redes correspondentes à divisão das classes fundamentais que contribui para a reprodução das relações sociais de produção capitalista.

Essa exposição baseada no autor sobre teorias que fundamentam a educação, contribui para a compreensão da prática do ensino escolar e explica um processo educativo, uma organização e administração de uma escola e postura dos professores como bem explicita LIBÂNEO (1982:11-18), em sua análise sobre as práticas pedagógicas escolares, mostrando as tendências refletidas no papel da escola, nos conteúdos de ensino, relação professor-aluno e aprendizagem. Segundo LIBÂNEO, as práticas escolares traduzem seus pressupostos teóricos, os professores demonstram através da seleção e aplicação das matérias, técnicas de ensino e avaliação, sua visão sobre a finalidade da prática escolar. Conforme a posição com relação às finalidades sociais da escola, o autor classifica as tendências pedagógicas em liberais e progressistas. A pedagogia liberal, não no sentido democrático, justifica a sociedade vigente. Os alunos devem se adaptar aos valores e às normas escolares, dando ênfase aos aspectos culturais. Esta pedagogia caracteriza-se em três concepções distintas: a *conservadora*, centrada no professor, continuidade da pedagogia tradicional; a *renovada progressista*, centrada no aluno, traduz a escola nova, gestada no movimento de renovação da educação que fundamenta a ação pedagógica na atividade espontânea do aluno; a *renovada não diretiva*, que dá ênfase nas condições de aprendizagem do aluno, centrando o papel da escola na formação de atitudes voltadas para os problemas psicológicos do aluno.

A pedagogia progressista é classificada em *libertadora*, que questiona as relações sociais de produção, visando a transformação da sociedade; a *progressista libertária*, pedagogia institucional orientada para criar mecanismos de resistência contra a dominação estatal, visa preparar o aluno para atuar externamente na transformação social através das organizações comunitárias; *progressista de conteúdos*, que vê a escola como instrumento de apropriação do conhecimento que se presta aos interesses das classes populares.

As práticas pedagógicas, conforme explicita o autor, manifestam o posicionamento político do professor e o modo como entende a relação entre a educação e sociedade, bem como a finalidade da prática escolar.

Embora as teorias críticas tenham influenciado a educação e provocado debates que levaram a repensar a escola, surgindo experiências com características que refletem mudanças na pedagogia escolar, o que está predominando atualmente é a pedagogia tecnicista, centrada no método de ensino, voltada para as idéias de racionalidade, eficiência e produtividade. O aluno que não consegue adaptar-se é considerado inapto para aprender, como ocorre com as crianças das classes populares marginalizadas.

CAPÍTULO III

3. O SIGNIFICADO DA ESCOLA PARA AS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA

3.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A produção de dados focalizou, de acordo com os objetivos, a visão das crianças a respeito da escola, especialmente os conteúdos que expressam o modo de pensar com relação à aprendizagem, relação professor-aluno e as expectativas que trazem sobre a frequência escolar.

A pesquisa foi realizada com 25 crianças do Programa “Da Rua para a Escola”, do Regional Pinheirinho. Foram utilizados questionários (apenas para 11 crianças), formulários estes que encontram-se anexos, e entrevistas coletivas com 14 crianças. Essas entrevistas foram realizadas em dois encontros com as crianças (em dois grupos separados) e foram gravadas.

A primeira entrevista coletiva realizou-se com 08 crianças mediante atividade de desenho sobre a escola. Ao término desta atividade, elas foram entrevistadas sobre o desenho que fizeram, com as perguntas direcionadas objetivamente. A segunda entrevista coletiva realizou-se num encontro que tinha como finalidade desenvolver atividades traduzindo o tema: “A escola na vida das crianças”. Este encontro desenvolveu-se em três momentos: acolhida; estimulação através de uma dinâmica de grupo; e, em

seguida, ao som de uma música apropriada, as crianças, com argila nas mãos, confeccionaram uma escola qualquer.

Terminada a atividade proposta, as crianças foram entrevistadas a respeito da escola que confeccionaram com a argila.

Responderam às seguintes perguntas:

1. Fale sobre a escola que você confeccionou.
2. Por que esses alunos vão para a escola?
3. Quais os professores que os alunos mais gostam?
4. Quais os professores que os alunos não gostam?
5. O quê você mudaria nesta escola para ficar melhor?
6. De quê os alunos não gostam nesta escola?
7. De quê eles mais gostam?
8. Se vocês encontrassem hoje uma criança que não sabe o que é uma escola, por que ela nunca foi à escola, onde ela mora não há escola. Como vocês explicariam para ela, o que é escola?

Obs.: Essas perguntas foram basicamente as mesmas perguntas do questionário.

3.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a maioria das crianças que participaram das entrevistas e do questionário, a escola representa um futuro melhor, através do aprender a ler, escrever e outras coisas além do que elas já sabem para se prepararem para o futuro, que significa: emprego bom e melhores condições de vida.

“... porque é bom e a gente aprende e pode ensinar outras pessoas, e a gente pode achar um serviço melhor e importante”.
(13 anos, 3ª série).

“Tenho que estudar para ser alguém quando crescer. Se eu não estudar, eu não vou ser alguém... nós temos que estudar para ter um emprego fixo”. (12 anos, 4ª série).

As crianças freqüentam a escola com uma expectativa de futuro colocado pelos pais e educadores como incentivo. Esperam aprender a ler, escrever, e todas as coisas que precisam para ser alguém na vida. Demonstram ter consciência da necessidade da escolarização como condição para uma formação humana e profissional em vista de melhoria das condições sociais de vida.

LARA, (1989), questiona esta expectativa posta como único caminho para se chegar a um futuro digno quando, na verdade, não são para todos, apenas para quem consegue transpor as barreiras difíceis da exclusão, referida à classe marginalizada.

E então? As crianças percebem que tudo o que os adultos dizem a respeito da escola não é bem verdade; que a instituição escolar se apresenta investida de promessas que ela própria não pode cumprir. Mas haverá outro caminho reconhecido pela sociedade para se chegar ao “saber”, para arranjar um trabalho ou para se tornar um “cidadão”? (LARA, 1989:21).

Esta expectativa quanto à escola torna-se frustrante para as crianças quando se deparam com uma escola formalizada para inibir

a criatividade e a espontaneidade e impor um saber de fora para dentro da realidade das crianças, tornando-se difícil assimilar os conteúdos transmitidos, levando-os a entender que a capacidade deles é mínima para adquirir os conhecimentos oficializados:

“Os professores seriam legais se dessem mais atenção para as crianças, as aulas seriam criativas, que ensinassem mais, as salas seriam pintadas e enfeitadas, e com todo o material que os alunos precisam”. (12 anos, 5ª série).

Se as crianças pudessem fazer uma escola, como seria? A resposta a essa pergunta reflete a escola no desejo delas, mostram que entendem como deve ser para corresponder às suas expectativas. A realidade nos mostra que essas crianças frequentam a escola sentindo-se inaptas para aprender:

“As professores passam muita lição para a gente e daí a gente não consegue fazer”. (12 anos, 2ª série).

Para confrontar esta situação, assumem comportamentos de revolta contra o professor que não compreende que eles têm dificuldades para assimilar os conhecimentos, e dessa forma tentam chamar a atenção sobre si, culminando até com brigas na sala de aula:

“Os outros (piás) brigam, xingam as professoras, xingam os outros de vagabundos, brigam na escola”. (11 anos, 1ª série).

Os professores também assumem atitude similar à dos alunos, tentando reprimir a manifestação de forma autoritária, impondo a mudança de comportamento:

“É que os professores brigam com a gente, xingam, puxam as orelhas da gente”. – E por que a professora briga? - **“Porque a gente apronta”.** (10 anos, 2ª série).

“Eu não gosto da professora porque a gente não pode conversar com os outros que ela começa a resmungar...”

O comportamento dito indisciplinado dos alunos quer responder ao método de ensino inadequado. O professor que, ao invés de estimular os alunos a aprender a partir do que eles já sabem, ministra conteúdos baseados nos livros didáticos que já vêm prontos, sem uma preparação prévia dos alunos para dispô-los à assimilação desses conteúdos, e não permitem nenhum acréscimo ou questionamento. O estímulo é para receber conhecimentos prontos e nunca para pensar e aprender sobre o assunto.

Na pesquisa realizada por LEITE, (1995), com meninos de rua em Curitiba e Ponta Grossa, foi constatado que as crianças valorizam a escola e os estudos, mas se queixam da forma como a escola está organizada, da metodologia, do autoritarismo dos professores, fatores que criam obstáculos para a permanência escolar. Eles criticam a forma de ensinar dos professores, mas, ao mesmo tempo, assumem a responsabilidade pelo fracasso escolar, porque fazem bagunça na sala de aula. Denunciam o descaso da

escola com relação à evasão escolar, deixam a escola para trabalhar nas ruas, confirmando que a escola não considera a realidade dessas crianças e aponta para a necessidade urgente de reelaborar um currículo mais acessível e de qualidade, partindo dos conhecimentos que as crianças trazem para o convívio escolar:

A verdadeira aprendizagem só ocorre quando o aluno e professor se debruçam sobre a realidade em que vivem e, juntos, a partir do que conhecem, procuram melhor discuti-la e entendê-la e, nesse esforço comum, criam novos saberes. (LEITE, 1995:113).

Essas crianças desde o início de sua infância aprenderam a enfrentar situações difíceis e buscar soluções com seus pais, de acordo com as suas possibilidades; aprendem a se relacionar com o mundo, a se comunicar com os outros, a reconhecer os símbolos e os significados no universo social e histórico. São curiosos quando querem entender os fenômenos da natureza e os acontecimentos da vida social. Fazem perguntas, elaboram interpretações dos fatos e querem sempre saber mais e buscar por si mesmos as respostas das investigações movidas por interesses pessoais.

Na escola, as crianças vão para conhecer os saberes produzidos e reconhecidos como saberes "verdadeiros", e não para criar novos saberes e ampliar os existentes. O mundo delas fica lá fora. Na sala de aula, o que importa são os textos que deverão ler e assimilar seus conteúdos.

Como expressa LARA:

Mas, além da escrita que separa a história da pré-história e separa também muitas culturas existentes até hoje, há um outro divisor de águas que deverá ditar, entre todas as formas de conhecimento, aquela que é proposta como a mais – ou a única – correta: a ciência. Esta se destaca entre outros saberes produzidos dentro de uma mesma sociedade como sendo o saber oficial. (LARA, 1987:23).

A escola é organizada para repassar conhecimentos oficiais e não como laboratório de saberes, em que as crianças se envolvem em atividades que estimulam a aprender além desses saberes produzidos oficialmente, onde possam desenvolver a imaginação e criatividade, como se expressa um aluno:

“Das atividades que eu mais gostava era fazer desenhos no mural, coisas que eu inventava de minha imaginação...”
(Entrevista com um menino de rua, in TRATCH, 1998:21).

As dificuldades na aprendizagem podem ser relacionadas também com a carência de reforço escolar na família. Em casa, essas crianças não têm recursos didáticos (jogos pedagógicos, livros, revistas, etc.) que estimulem o interesse pela leitura e escrita. As dificuldades não são por incapacidade, mas porque elas têm potencialidades diferentes, mais voltadas para experimentar, elaborar conhecimentos a partir dos conceitos adquiridos na prática social.

Esta prática social está imbuída de significados, muitas vezes adversas aos dos professores. Na sala de aula uma situação conflituosa com os alunos “difíceis” pode ser interpretada de

diferentes maneiras entre os alunos e professores. É necessário discernir a linguagem contida nas atitudes dos alunos quando bagunçam ou brigam com os colegas, e dos professores quando gritam e xingam seus alunos, para entender a relação que existe entre o ensinar e o aprender, para assim obter um consenso que satisfaça ambas as partes.

“O estudo das percepções dos alunos sobre a escola, sobre os professores e as regras da sala de aula é assim essencial para a compreensão da vida na escola e da indisciplina”. (SILVA, 1996:164).

Como se sabe, o interacionismo simbólico é uma abordagem sociológica que faz ênfase no fato de que os seres humanos constroem os seus significados, que a ação não é simplesmente a consequência de atributos psicológicos ou determinada por fatores sociais externos, mas resulta de um processo contínuo de atribuição de significados e que este processo tem lugar em contextos sociais. (WOODS, in SILVA, 1996:164).

Segundo o autor, o interacionismo simbólico enfatiza os significados construídos pelos seres humanos dentro de contextos sociais. Existem interesses diferenciados entre professores e alunos. Estes não têm os objetivos e a realidade iguais aos do professor, como também poderes entre as partes: o professor tem o poder relacionado com a idade e saber; os alunos o poder de influenciar a classe contra o professor. O autor sugere o processo de negociação para favorecer a disciplina e facilitar a aprendizagem na sala de aula, onde as regras são determinadas em consenso com os alunos.

Para o autor, o comportamento indisciplinado dos alunos provém de insatisfações geradas pela monotonia e desinteresse pelas aulas e atitudes dos professores. Os alunos tecem contra estratégias para enfrentar em oposição à situação dominante. O processo de negociação estimula a participação ativa dos alunos nas decisões em sala de aula, criando um clima de consideração e respeito mútuo, contribuindo para o desempenho da aprendizagem.

3.3. A ESCOLA NA VISÃO DAS CRIANÇAS

Para as crianças do universo da pesquisa, a escola é vista como um espaço onde se aprende: a ler, a escrever e adquirir outros conhecimentos e educação, elementos necessários para garantir um futuro melhor, como já vimos anteriormente.

“A escola significa um futuro melhor, ensina a ler e escrever, ter educação com os outros.” (9 anos, 2ª série).

O recreio é o espaço do lúdico, dos jogos e das interações entre os colegas, espaço de liberdade, onde podem expressar o que sentem, alegria, prazer, raiva, como também revidar as provocações dos colegas e de firmar amizades.

“A escola é legal, ela é importante para a gente, ela ensina, tem recreio cada dia e eu acho legal”. (13 anos, 3ª série).

Valorizam a escola, dizem que gostam, mas se contradizem quando a pergunta é específica para determinado assunto. Aparecem as contradições nas respostas sobre o que não gostam da escola.

“Não gosto de ir para a escola porque não tenho o material e porque a professora gritou comigo. Não quero ir mais para a escola”. (7 anos, 1ª série).

A criança sente-se humilhada por não ter o material. Percebe que as outras trazem o material escolar e associa a aprendizagem com os recursos que ela não tem. A professora não compreendeu o que estava por trás da atitude rebelde da criança, gritando com ela. Isto demonstra a incompetência do professor, da administração e organização escolar mais voltada para a disciplina rígida, onde as regras a cumprir são mais importantes que a situação das criança, contribuindo dessa forma para o fracasso escolar desses alunos.

“Não gosto do lanche, da diretora, da professora de literatura, da coordenadora, eu não gosto de ficar de castigo”. (11 anos, 3ª série).

O desabafo das crianças, pontuando o que não aceitam, demonstra que têm consciência da repressão do seu modo de se expressar ou agir para se contrapor à dominação ou insinuações dos colegas ou dos professores pela “condição de revoltados”, produto das injustiças sociais que marcam profundamente os seus sentimentos.

“Não gosto das comidas, só tem sopa!, das pessoas chatas, dos alunos, dos colegas, das professoras chatas e brigonas”. (10 anos, 2ª série).

“Os professores não deixam entrar no parque e os piás brigam com a gente. Eles mandam a gente para a diretoria e eu ganho um ponto negativo”. (9 anos, 2ª série).

As queixas dessas crianças refletem o autoritarismo dos professores. As punições para os alunos que se posicionam contra a discriminação ou exclusão, manifestam claramente que esses só têm duas alternativas: seguir as normas estabelecidas arbitrariamente, ou não participam dos bens da escola.

As contradições constatadas nas colocações das crianças fundamentam-se nas características da própria escola, que são, da mesma forma, contraditórias. A escola se apresenta como direito de todos, espaço aberto para todo e qualquer cidadão, onde reina a igualdade, sem discriminação, como garantia de um futuro melhor, mas, na prática, a realidade é outra: o que move a escola não são os interesses de todos os alunos, mas os interesses dominantes de classe e interesses políticos. A escola se justifica expressando que as crianças não aprendem, evadem-se por motivos pessoais e não por falhas da escola. Essa atitude da administração incute nos alunos a responsabilidade pelo fracasso, e esses assumem sem critérios essa culpa, porque se sentem incapazes de assimilar os conteúdos escolares. A escola é “soberana”, cumpre o que lhe compete, mas os alunos nem sempre são interessados e aptos para corresponder ao que a escola oferece, ao ensino cientificamente elaborado para enriquecer a cultura de todos os brasileiros: é assim que ela se apresenta aos cidadãos.

A pesquisa de TRACHT, (1998), realizada com os meninos que saíram das ruas e se encontram morando na Chácara Padre Eduardo Michelis, em Mandirituba (entidade educacional para meninos de rua), mostrou também essa contradição. Quando foram entrevistados, disseram que a escola é boa, os professores, as aulas, tudo era bom, mas ao dramatizar a escola, os mesmos expressaram os professores como autoritários, dominadores, uma escola anti-democrática, que despeja conteúdos sem considerar o interesse dos alunos.

Interpretando as dramatizações, pudemos sentir que, para os meninos, a escola ideal seria aquela onde as crianças tivessem oportunidade de serem ouvidas, respeitadas, amadas, e participassem integralmente das ações na prática educativa, como numa cena que o aluno manifestou a vontade de falar, e ouviu como resposta áspera do professor: "Cale a boca, menino, você não tem nada a dizer, você não sabe nada, o que você tem para dizer não me interessa", e, pegando o material, retirou-se. (TRATCH, 1998:23).

FERREIRA, (1999), também fez uma investigação sobre o que pensam as crianças sobre a escola, convidando-as para a dramatizarem. Eram crianças que freqüentavam o ensino fundamental. Elas expressaram suas dificuldades e desestímulo, ao mesmo tempo em que demonstraram o valor que elas atribuíam à escola como necessária para a formação profissional.

As crianças dramatizaram a escola. Mostraram entre os papéis que organizaram, um professor indiferente aos alunos, despreocupado com o conteúdo e muito áspero em suas palavras, limitando-se ao quadro negro e às tarefas que nele eram passadas. Em nenhum momento da dramatização a escola apareceu como local de encontro entre amigos, onde se aprendem coisas novas. Entre as crianças freqüentadoras do ensino fundamental, de 5ª a 8ª série, dramatizaram uma escola triste e sem atrativos para os alunos. (FERREIRA, 1999:98).

Segundo a mesma autora, percebe-se que as crianças querem ir à escola para conhecer coisas novas e melhores, porém, a falta de incentivo e criatividade afasta os alunos da escola. A partir da 5ª série a desmotivação se torna maior, uma rotina insuportável. Na sua análise, a educação precisa ser reavaliada. O sistema escolar recebe crianças diferenciadas: as que têm de tudo (boa alimentação, agasalho, material escolar e pais que auxiliam nas tarefas escolares) e as que nada têm (são famintas, carentes, mal agasalhadas, sem apoio da famílias nas dificuldades escolares). Tanto daquelas quanto destas são cobrados os mesmos conteúdos no mesmo parâmetro, os mesmos resultados de aprendizagem.

Além disso, as dificuldades quanto à freqüência escolar também se relacionam com o estímulo para aprender. Em geral, as crianças pobres não têm condições de adquirir o material escolar exigido pela escola, têm apenas o mínimo necessário que a escola fornece. As taxas de matrícula as famílias não podem pagar, e as crianças são humilhadas perante as outras que pagam. Esses fatores

contribuem para a discriminação e, conseqüentemente, para a evasão escolar.

3.4. A ESCOLA NA EXPECTATIVA DAS CRIANÇAS

“Se você pudesse fazer uma escola, como seria?”

A criança tem capacidade de criticar e demonstrar seus interesses e expectativas a respeito da escola. Percebem a qualidade das coisas, o que está bom e o que precisa melhorar ou mudar. Elas sugerem mudanças no ensino para corresponder aos seus interesses. Sonham com uma escola que assuma o seu papel de instruir e educar:

“Onde os professores ensinam as crianças a aprender a ler e escrever e ser uma pessoa, uma criança que sabe trabalhar e que saberá fazer as coisas quando crescer”. (11 anos, 4ª série).

Para as camadas populares mais pobres a escola acaba sendo o único meio de ascensão social. O sucesso nos estudos compensaria a desigualdade de recursos econômicos, de importância e de posição social:

“Uma vida importante para crescer, trabalhar, ter um futuro na vida”. (10 anos, 1ª série).

A finalidade da escola para as crianças está relacionada ao bom desempenho dos professores, à relação professor-aluno imbuída

de compreensão da realidade cultural e de respeito à individualidade de cada aluno. A interação entre os professores e alunos se propõe como base na aprendizagem escolar, facilitando-a e criando condições para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

“Gosto mais das professoras de história e geografia, ciências e educação artística, porque elas são legais e me compreendem, e não são chatas. As outras são chatas, porque só brigam comigo e não entendem o que estou falando”. (13 anos, 5ª série).

As crianças apontam para os bons professores e justificam porque são bons. Entendem que depende da relação professor-aluno a aprendizagem escolar. Os bons são classificados como respeitosos, afetivos, e que sabem ensinar e compreendem as crianças.

“Os professores seriam bons com os alunos; as aulas seriam boas, com atividades, as salas seriam grandes, onde a recreação deveria ser dada na sala de aula, quando não for possível ser dada fora da sala”. (9 anos, 1ª série).

Valorizam as aulas criativas, intercaladas com recreação que evita a monotonia, tornando as aulas mais interessantes. Gostam muito do recreio, esportes, de educação artística, capoeira e as atividades lúdicas com as quais se identificam no seu mundo infantil.

A alimentação na escola é de supra importância, mas precisa ser de qualidade.

- **“Gosto do lanche”;**
- **“Gosto do recreio”;**
- **“Gosto de futebol”;**
- **“Gosto de brincar de correr”.**

Se os educadores escolares ouvissem o que os alunos têm a dizer a respeito da escola e utilizassem suas sugestões, com certeza preveniriam a evasão escolar. As crianças querem uma escola onde são respeitadas no seu modo de ser e de pensar na sua cultura popular.

A estrutura física da escola faz parte do contexto global e tem sua importância no bem estar das crianças. Um ambiente enfeitado, desenhado e colorido expressa para a criança seu interior afetivo com relação às coisas, à arte e ao prazer.

“Escola bonita, com muros pintados com desenhos dos sete anões, florestas, sítio do pica-pau amarelo” (9 anos, 2ª série).

“A escola seria bonita e cheia de rango”. (11 anos, 1ª série).

Nas respostas das crianças é perceptível a associação que fazem com o que desejam e a realidade a ser transformada.

“... queria que melhorasse a comida”. (10 anos, 1ª série).

“Que tivesse aula de capoeira todos os dias, que não xingassem e respeitassem os mais velhos”. (11 anos, 2ª série).

“Tudo pintado, que tivesse um montão de coisas e que os piás parassem de brigar e tivessem mais educação”. (13 anos, 2ª série).

A escola, no desejo das crianças, focaliza a necessidade urgente de transformação da educação escolar em todos os aspectos, principalmente quanto ao método de ensino convergindo para as necessidades e interesses de todos os alunos. Faz-se necessário ressaltar que transformar a escola implica em transformar a sociedade como um todo, mas a escola pode ser semente e adubo que faz germinar a transformação social. Esse processo depende da postura política da escola e de modo particular dos professores, do compromisso social com as classes excluídas dos direitos sociais.

ESTRELA, (1994), sugere uma prática pedagógica introduzida por Maria Montessori, em que a aprendizagem das crianças é incentivada através de materiais didáticos que elas podem manipular livremente, num ambiente estimulador que suscita interesse das crianças e facilita a aprendizagem.

“O professor deixa de ser o transmissor direto do saber para se transformar no organizador do ambiente de aprendizagem”.
(ESTRELA, 1994).

O ambiente deve ser organizado de modo que desperte e estimule o interesse da criança pelo assunto, através de um processo de desenvolvimento da autonomia, respeitando a criança em seu nível ou potencial de apreensão. A criança, sendo estimulada

a aprender, adquire a autodisciplina como condição para elaborar os conhecimentos, desenvolvendo suas aptidões pessoais.

Essa proposta pedagógica corresponde às expectativas manifestadas pelas crianças entrevistadas e poderá ser indicada como adequada para solucionar os problemas de aprendizagem dos alunos com dificuldades com a escola.

4. CONCLUSÃO

O significado da escola expressado pelas crianças traz implicitamente um desejo, realizável ou não, dependendo das possibilidades de educadores e gestores do sistema educacional modificarem a mentalidade dominante sobre estas crianças.

A escola representa para elas um espaço contraditório. De um lado, a expectativa de um futuro melhor: aprender a ser cidadão, culto e preparado para corresponder às exigências da sociedade. De outro, o próprio sistema escolar dificulta ou estrangula as suas expectativas, quando produz a incapacidade e a exclusão. E essas crianças percebem a distância que existe entre um futuro melhor e a possibilidade de alcançá-lo, pois se sentem excluídas, devido à condição social de pobreza.

O processo de exclusão se associa à questão do direito à escolarização, ligada à visão e interpretação dos educadores escolares. Essa interpretação dos educadores se manifesta na ação pedagógica. Há os que procuram abranger a todos indistintamente, porque entendem que esse direito é para todos e lutam para mudar o método de ensino, criando novas formas de ensinar, mais voltada para atender as necessidades e interesses dos alunos, partindo da compreensão da realidade desses.

Há outros, a maioria, que interpretam o direito relacionado com as condições de adquiri-los, significando: aos que não têm condições econômicas, torna-se difícil escolarizar, esses precisam de recursos

materiais (uniformes, material escolar, dinheiro para pagar as taxas exigidas pelas escolas). Dentro dessa visão, as crianças das classes populares de baixa renda, acabam por ser excluídas pela própria exigência escolar, acima de suas possibilidades econômicas.

Nas escolas públicas o material escolar deverá ser fornecido gratuitamente, e o uniforme não é obrigatório, mas quando se torna obrigatório, a própria escola deve facilitar para que todos tenham acesso; as taxas cobradas no ato da matrícula são proibidas, mas as escolas cobram e se saem bem nas suas determinações particulares, pois não são punidas. As famílias pobres conseguem com dificuldades o mínimo necessário de material via escola, e quanto ao uniforme e às taxas, quando não podem pagar a escola as isentam, porém seus filhos são discriminados pela diretoria. Associando a isso a dificuldade de freqüência e aprendizagem, culmina na evasão escolar.

A escola pública, como um espaço acessível às crianças das classes populares, onde a maioria é proveniente das camadas de baixa renda, deveria estar **mais** voltada para a realidade dessas crianças e adotar um método de ensino eficaz, com o objetivo de escolarizar de fato. Isso exige vontade política de melhorar e qualificar o ensino público. Adequar o método de ensino à realidade das crianças não significa desqualificar, ou oferecer apenas parte do conteúdo do currículo escolar. É aproveitar as experiências e conhecimentos que as crianças trazem para aprofundar, ampliar e

enriquecê-los com os conhecimentos científicos transmitidos pela escola.

As crianças pobres e em situação de rua trazem consigo um cabedal de conhecimentos escondidos na aparência de fragilidade e incapacidade. Esses conhecimentos são construídos na relação com o meio social em que vivem e com outros meios culturais em que se relacionam. A criança, quando vai para as ruas em busca de sobrevivência, está se relacionando com o meio social mais urbanizado e desenvolvido, onde transitam pessoas de diversas classes. Essas relações vão construindo a visão de mundo ou de sociedade na sua totalidade. Isto é, percebe as contradições existentes tanto no meio cultural desenvolvido do centro urbano quanto no meio cultural comunitário das periferias. Assim vai adquirindo conhecimento da realidade social mais amplo do que outras crianças das classes privilegiadas, porque essas podem conhecer bem a realidade do meio social em que vivem, mas não as de outros meios culturais, pois não se aproximam das periferias urbanas. O conhecimento da realidade dessas é parcial.

A dificuldade de aprendizagem escolar de muitas crianças está contida nesse impacto: elas se desenvolveram intelectualmente na prática social, trabalhando nas ruas (guardando carros, vendendo, etc.) e se relacionando socialmente com pessoas de diversas classes. Na escola, a forma de adquirir conhecimentos é diferente: a prática social dessas crianças é descartada, não valorizada como cultura e considerada como subdesenvolvimento, sem significado

para o progresso cultural. A criança é vista como quem não sabe nada, rude, revoltada e mal educada, que precisa antes de tudo educar-se para se tornar igual às outras para poder aprender a ler e escrever, raciocinar matematicamente e absorver os conhecimentos prontos que a escola transmite. O método de ensino não integra os saberes trazidos pelos alunos com os conhecimentos cientificamente elaborados, por isso se torna árido, desinteressante, difícil de assimilar, contribuindo para a indisciplina na sala de aula.

A relação de ensino-aprendizagem, quando se torna difícil e complicada, deve ser analisada a partir do interesse dos alunos pelo assunto. A indisciplina é a manifestação de insatisfações. A relação professor-aluno está imbuída de significados, às vezes divergentes, atrapalhando a intercomunicação. Uma palavra, um gesto, uma atitude pode ser entendida de forma diferente entre os professores e alunos. Esse entendimento depende da interpretação, que está ligada ao significado atribuído. Cada linguagem contém um significado que pode estar explícito ou implícito na comunicação. Esse significado é construído no contexto social em que a pessoa vive e se relaciona.

A formação de professores mais qualificada para atuar nas escolas públicas, faz-se urgente e imprescindível. Essa formação será possível se houver mais investimentos na educação. Considerando a situação político-econômica de nosso País, em que os investimentos na área social ficam cada vez mais escassos, parece uma utopia a melhoria do ensino público. A atual conjuntura

se deve às transformações em processo acelerado por que passa a nossa sociedade.

De acordo com GENTILI (1997), as políticas neo-liberais não priorizam o desenvolvimento social, mas o econômico. O destino da educação é o mesmo de todas as áreas sociais (saúde, assistência social, etc.): a privatização. A crise atual da escola está ligada às transformações geradas pelo neoliberalismo, em que os direitos sociais passam a ser mercadoria. A educação caminha para mudanças significativas que a tornarão mais econômica e menos política, e para isso se fazem necessárias mudanças de valores e de ética voltadas para o mercado. O direito à escolarização terá uma ressignificação, dentro de um processo de reforma cultural. Nessa ótica, o método de ensino reforça o aspecto técnico para a eficácia e produtividade, e qualificada para o consumo de quem tem condições econômicas.

É importante ressaltar que o direito à escolarização nessa lógica continuará muito mais distante da possibilidade de conquista pela maioria da população, visto que a reforma cultural tende a dissolver a noção de direito à educação, através da despolitização, dando-lhe um novo significado.

Desse modo, o futuro da escola pública, para a maioria, corre o risco de não existir, ou ficará restrita ao mínimo necessário. A expectativa das crianças muito pobres sobre a escola se tornará ainda mais distante ou até impossível, se considerarmos essas transformações de acordo com o autor acima citado.

Contudo, pensar em mudanças significativas na educação que incluam a população majoritária de nosso País e, inclusive, as crianças em situação de risco, é antes de tudo criar novos mecanismos de resistência às investidas neoliberais e novas formas de organização que articulem as lutas sociais de todas as áreas e de outros países em situação similar; essas lutas sociais devem ter características democráticas e universais para o resgate dos direitos sociais.

ANEXOS



ENTREVISTA COLETIVA 24/09/99

1- Fale sobre sua escola:

- a) "Acha bom e ensina a aprender as coisas."
- b) "É bom ela ensina a gente a ler e escrever."
- c) "Deve ter uma educação melhor, a ter um futuro".
- d) "Para trabalhar, aprender a trabalhar melhor".
- e) "Por que é bom - gosto da escola".
- f) Estudo para que, daqui a uns 20 anos arrumar um serviço e poder trabalhar".
- g) "Ter um futuro melhor. Ter uma coisa melhor na vida".

2 – O que é a escola para você, o que significa?

- a) "É um país melhor. Um futuro melhor para a gente".
- b) "É ter um futuro melhor e fundamental que ensina a gente".
- c) "Para aprender, ter educação com os outros."
- d) "Para ensinar a ler".
- e) "Um futuro melhor, ensina a ler e escrever, ter educação com os outros."
- f) "Fazer novas amizades e ter respeito".
- g) "Significa uma escola muito boa e ensina muito as crianças". Você encontra isso na sua escola? Sim
- h) "Ela é muito boa. Significa uma aprendizagem muito, importante. Se não fosse a escola nós não poderíamos ler, escrever. Por isso que eu acho, ela é muito importante."
- i) "Significa estudar, aprender, fazer amigos".

3 – De que você não gosta da escola?

- a) "Das sapecagens e malandragem, tem muitos piás que gosta de bater na gente."
- b) "Os piás ficam batendo na gente e são muito metidos. As aulas, eu gosto, das professoras eu gosto, das comidas, eu não gosto."
- c) "As comidas,
- d) "Elas (as professoras, não deixam entrar no parque e os piás brigam com a gente e eles mandam a gente para a diretoria e eu ganho ponto negativo. As professoras passam muita lição para a gente e daí a gente não consegue

fazer na semana porque eu venho para o curso (atividades no CLM) e só tenho o final de semana para fazer e não consigo fazer, deixo a metade para // . Você sabe fazer as lições ou tem dificuldades? – Eu sei fazer mas só tenho os finais de semana para fazer a lição e não dá tempo”.

- e) “É que as professoras brigam com a gente, puxa as orelhas da gente”. E porque a professora briga? “ A gente apronta na escola. E porque a gente apronta na escola? – “Não sei” Você gosta das aulas da professora? - Gosto. E da professora você gosta? – “ Gosto”. Está conseguindo aprender? – “ Estou”.
- f) “As professoras é muito chata, brigam com nós. Por que ela briga? (outro respondeu). – “Porque ela bate na porta e sai correndo”. Você acha que a professora tem razão de brigar ou não? – “ Não sei. Ela tem razão. O que você acha que ela deveria fazer? – “ Deveria levar para a diretoria”.
- g) “Da professora porque a gente não pode conversar com os outros que ela começa a resmungar”. Ela ensina bem? – “sim”. “Não gosto da diretora porque ela é falsa”. Porque ela é falsa? – “Porque meu irmão não passou à noite com medo dela, por isso ela estava brava. Minha mãe passou vergonha, era tudo mentira dela”. Você acha que ela está certa ou errada? – “ Tá errada, né, porque meu irmão, ele não pode ir para a escola e nem vir aqui para o curso (CLM) mas algum a coisa ele faz. Ele não vai mais para a escola por causa disso. Minha mãe vai colocar em outra escola”.
- h) “Os outros (piás) xingam as professoras, xingam os outros de vagabundos. Brigam na escola.” E a professora? – “Ela é boa”. Você está aprendendo bem? – “Estou”
- 4) Se você pudesse fazer uma escola, como seria?**
- a) “Escola bonita, com os muros pintados com desenhos: 7 anões, florestas, sítio do pica – pau amarelo.”
- b) “ Bonita, cheia de rango”.
- c) “ seria bom, ensinava a ler e escrever as professoras seriam boas”.
- d) “ Muros pintados, professoras boas, bonitas que ensina a gente, não briga, não grita com a gente”.
- e) “ Tudo pintado, que tivesse um montão de coisas e que os piás parassem de brigar e tivesse mais educação”.
- f) Professores bons (legais) os colegas não brigam com a gente , tivesse mais educação nas escolas”.
- g) “ Queria que melhorasse a comida, porque só tem sopa”.
- h) “ Tivesse aula de capoeira mais boa, que o feijão não fosse cheio de água”.
- i) “ Bom , muito bom, melhorasse, que não criticasse mais os outros e conversasse , e aí sim é uma boa maneira. Que as professoras não gritasse com os outros. Conversasse”.
- j) “ Queria que melhorasse os piás que só ficam brigando com nós”.
- Como é uma professora legal?
- “Que não fica gritando, brigando, conversa com a gente de perto”.

- Como seriam as aulas?

- a) " Educação física só 3ª e 6ª feira e matemática o dia inteiro"
- b) " História e geografia que os alunos da minha gosta de fazer"
- c) " E que o início do recreio fosse por 2 horas até 15 horas e que a educação física fosse 16:00 as 17:00 horas"
- d) " As aulas queria que tivesse educação física. E que fiquemos 1 mês sem educação física porque fizemos bagunça"
- e) "Educação física, educação artística"
- f) " Que tivesse todo dia educação física até a hora do recreio"
- g) " Gosto de matemática, história e texto".
- h) " Gosto de matemática, de português não".
- i) " De matemática e português"
- j) " De português, caligrafia, história e geografia, educação artística e educação física".
- k) " Que a aula de educação artística fosse muito boa".

5) Se vocês encontrassem hoje uma criança que não sabe o que é uma escola. Que morasse num lugar em que não existe escola. Como é que vocês explicariam se ela perguntasse o que é escola? Como vocês responderiam ?

- a) " Os pais dela matriculasse ela numa escola para aprender, para ensinar o que é escola e conversar".
- a) " onde os professores ensinam as crianças a aprender a ler e escrever e ser uma pessoa, uma criança que sabe trabalhar e quem sabe fazer as coisas quando crescer".
- b) " Uma vida importante para crescer, trabalhar, e tr um futuro na vida"

8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

e questionário

NOME: Simone Apurtrano Gaspar IDADE: 13 anos

ESCOLA: M. São Mateus do Sul SÉRIE: 3^ª

1. Fale sobre a sua escola.
 A escola é legal ela é importante para a gente ela ensina tem a recreio cada dia ela tem com uma tarefa diferente e interessante ela é muito importante para a gente eu acho muito legal a escola
2. Por que você está na escola?
 Porque é bom e a gente aprende e podemos ensinar outras pessoas e a gente podemos fazer um currículo melhor e importante
3. De que você não gosta na escola?
 Das outras crianças que é chato e fica brigando com a gente e fala que a gente que briga com eles eu não gosto de amigo falso
4. De que você mais gosta?
 De lição e de lanche e das professoras e das minhas amigas
 não gosto de uma professora porque ela bate na gente

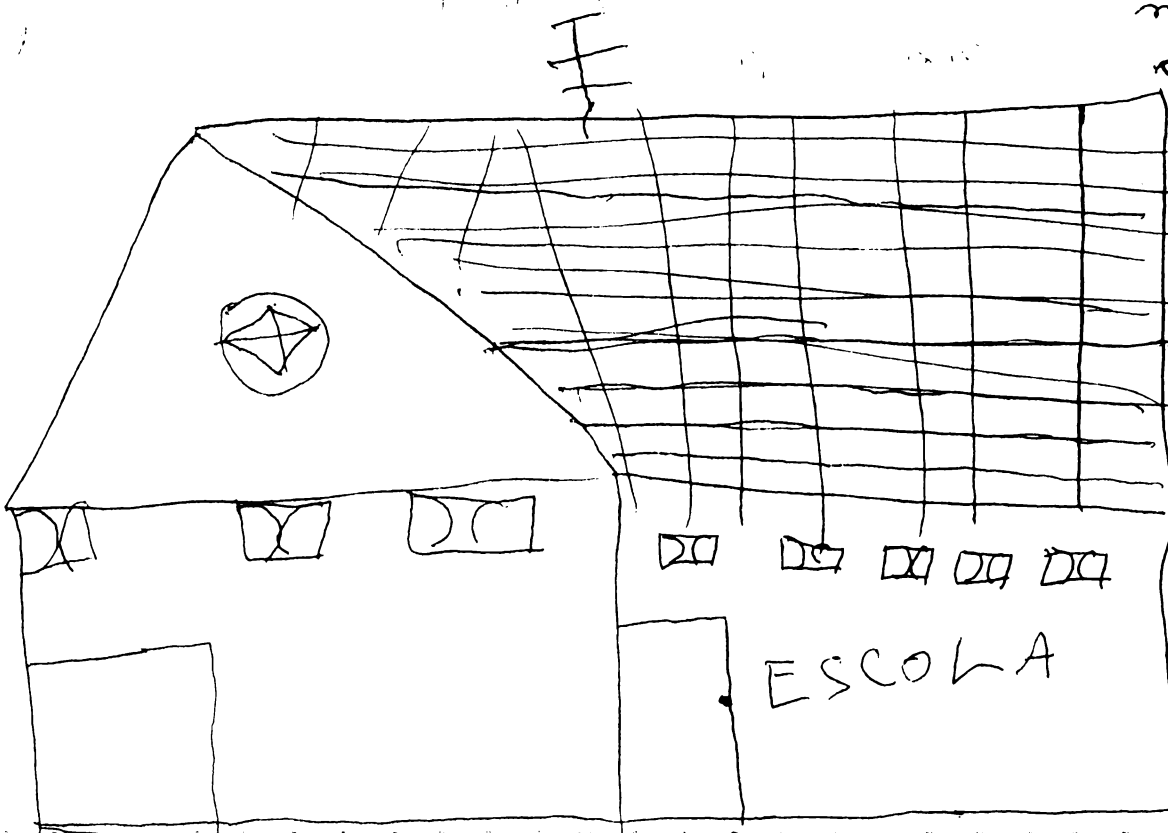


5. Quais os professores que você mais gosta? *Da Rosana porque ela não é Braba com ningu*

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

na escola que eu gostaria com boas crianças e com professora boas educando que não brigam com ningu

ela não tem de nada com bar tanto se quanto para as crianças não eles podem fazer



8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

e questionário

NOME: Maicon Alves Moreira IDADE: 12

ESCOLA: M. Prof. América Salvo SÉRIE: 1ª
repetente

1. Fale sobre a sua escola.

a minha escola. tem cantinas, quadro
de amigos, cancha, árvores.
bela, banheiro, professor, diret.

2. Por que você está na escola?

preciso estudar é ~~na~~ muito Para aprender a
ler, porque ajuda a arrumar trabalho
sem estudo não pode trabalhar.

3. De que você não gosta na escola?

caçador, Volei, de briga

4. De que você mais gosta?

futebol, gosta de escrever, de ler

LUCIANE

5. Quais os professores que você mais gosta?

Professora Cleusa porque ela é boazinha,
não grita comigo, passava lição no quadro
p/ copiar.

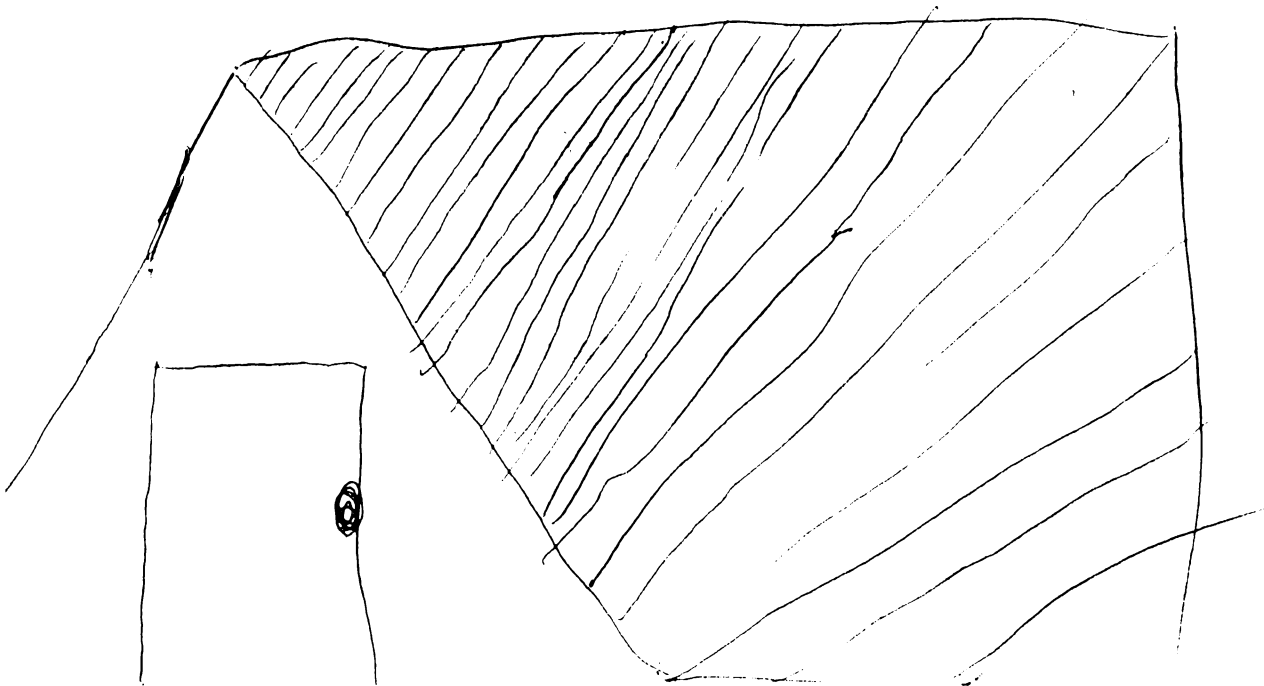
Prof^a Cristiane porque ela é boazinha
deixando que joguem futebolzinho.

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam
os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

Os professores seriam mais amigos dos
alunos

As aulas seriam bem planejadas.

As salas teriam que ser bem confortáveis, com
espaço adequado, banheiros, telefone, lancheria
dentro da sala, materiais suficientes p/ os alunos.



8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS e questionários

NOME: Anderson Leonardo dos Santos IDADE: 11 anos

ESCOLA: Municipal Piratini SÉRIE: 4ª

1. Fale sobre a sua escola. Lea é muito rigoroso, se não anda nos eixos ~~de~~ leva um patão. ~~de que eu não gosto~~
2. Por que você está na escola? Para aprender a fazer muitas coisas, como a divisão, a multiplicação, a subtração.
3. De que você não gosta na escola? Da cancha, as vezes está chovendo e nos não podemos sair para o recreio. Nos lá no colégio precisamos de uma ~~de~~ contcho coberta.
4. De que você mais gosta? As matérias elas são muito legal, só as vezes que é chato.

5. Quais os professores que você mais gosta?

Eu gostava mais da professora Lidia.

Ela era uma professora esbelta acho que ela merecia uma medalha da professora mais legal do ano.

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

Minha escola ~~seria~~ seria até a 9ª rua

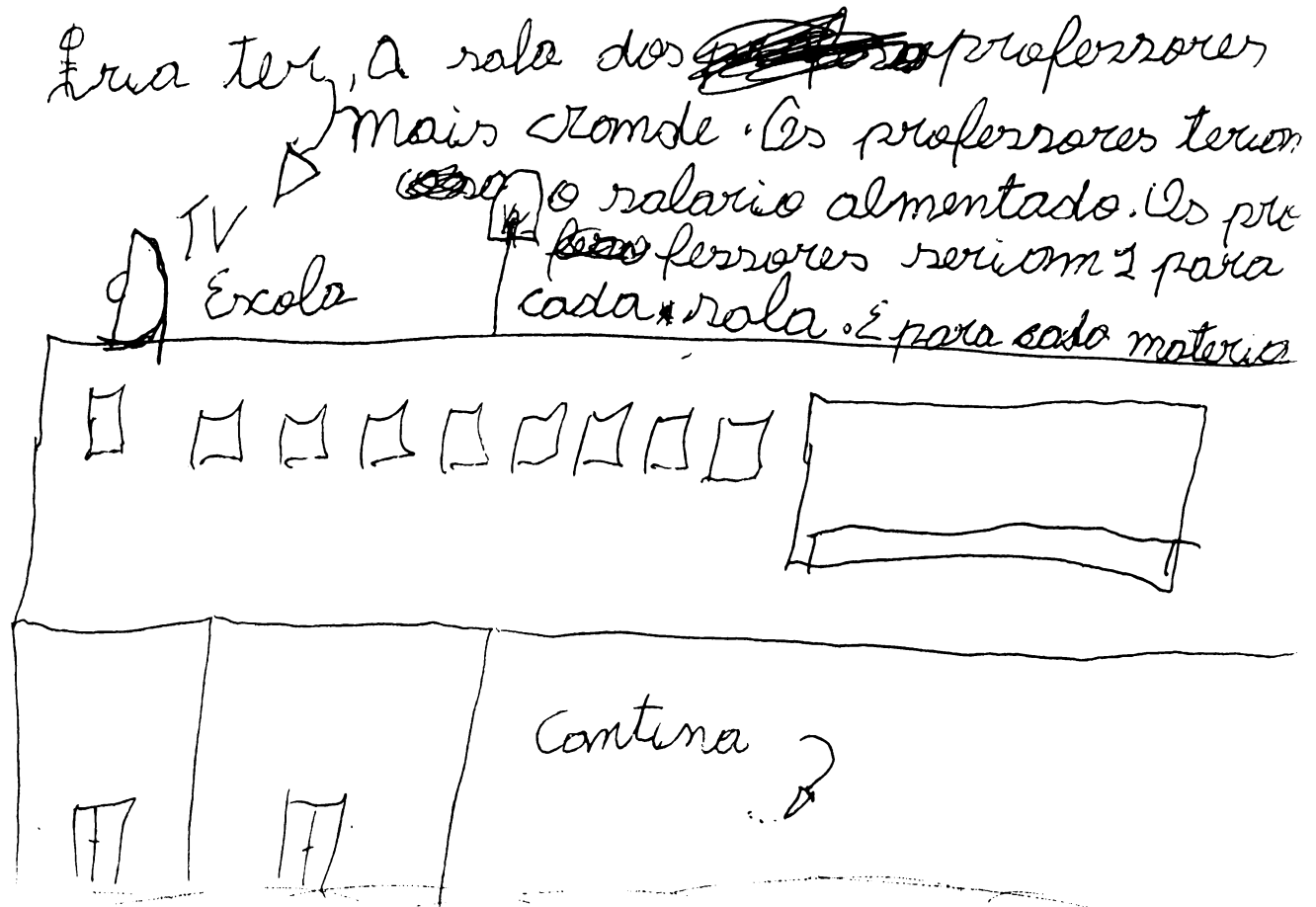
Quarta ter, a sala dos ~~professores~~ professores

mais longe. Os professores teriam

o salário aumentado. Os pro

fessores seriam 2 para

cada sala. E para cada matéria



não sabe
escrever
mas uma escreveu
o que ela ia dizendo

8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS
e questionários

NOME: Daniela Capistrano **IDADE:** 7

ESCOLA: M. São Mateus do Sul **SÉRIE:** 1ª

1. Fale sobre a sua escola.

minha escola é legal. Porque tenho bastante colega

2. Por que você está na escola?

Porque eles dão bastante coisas lá. Comida, brinquedos, escrever

3. De que você não gosta na escola?

as minhas amigas ficam falando que eu não tomo banho. Ela não gosta de ir pra escola porque ela falou que não tem lápis e também procura de uma professora que ficou com ela e ela ficou triste e começou a chorar não quis ir mais pra escola

4. De que você mais gosta?

da lição

Danielle Capistrano
7 anos

5. Quais os professores que você mais gosta?

da Clarice. Porque ela é boa.

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

e questionários

NOME: Claudio de Jeferson de Freitas IDADE: 11 anosESCOLA: M. Prof. América Sábia SÉRIE: 3ª

a escola é impo^{V. Verde}rtante porque se não fosse a escola não podia trabalhar por isto sempre na parte

1. Fale sobre a sua escola. a escola seja um bem cidadão a escola tem muita coisa mais se não fosse a escola agente não era um bem lido e por isto estudo.

2. Por que você está na escola? eu na escola porque é muito importante ela é a minha vida eu gosto dela muito por isso na escola sempre

3. De que você não gosta na escola? eu não gosto do lanche, da disciplina, da professora de literatura, da cadeira e eu não gosto ficar de castigo.

4. De que você mais gosta? eu gosto da professora de matemática. Gosto de jogar bola gosto de correr gosto de saltar. e verdadeira quando ela é boa

5. Quais os professores que você mais gosta?

eu gosto da professora parqui
e da e da quelia ela sabe
saber conversar com a gente
ela e muito boa.

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam
os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

as sala de aula seria ser boa
muito bonita limpa etc.
os professores seria ser bom
com os alunos e
seria incentivar
a amor as crianças.



8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

e questionários

(não sabe escrever)
alguém escrever suas respostasNOME: Alex da Rocha Farias IDADE: 9 anosESCOLA: M. Prof America Saboia SÉRIE: 1ª

reprovado 2 vezes

1. Fale sobre a sua escola.

a escola é boa.

~~Carla~~

Carla

~~Carla~~

2) Por que você está na escola?

para aprender.

para a

~~Rein~~

Rein

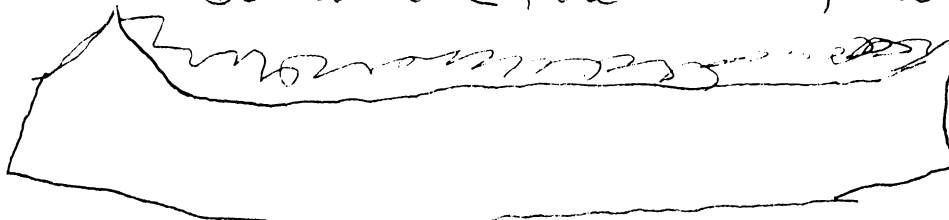
3. De que você não gosta na escola?

~~Rein~~a briga dos colegas com ele,
de apanhar.

4. De que você mais gosta?

Do lanche, de sono, de recreio, de

jogar taca



5. Quais os professores que você mais gosta?

Prof^ª Edina porque ela traz doces p/ os alunos

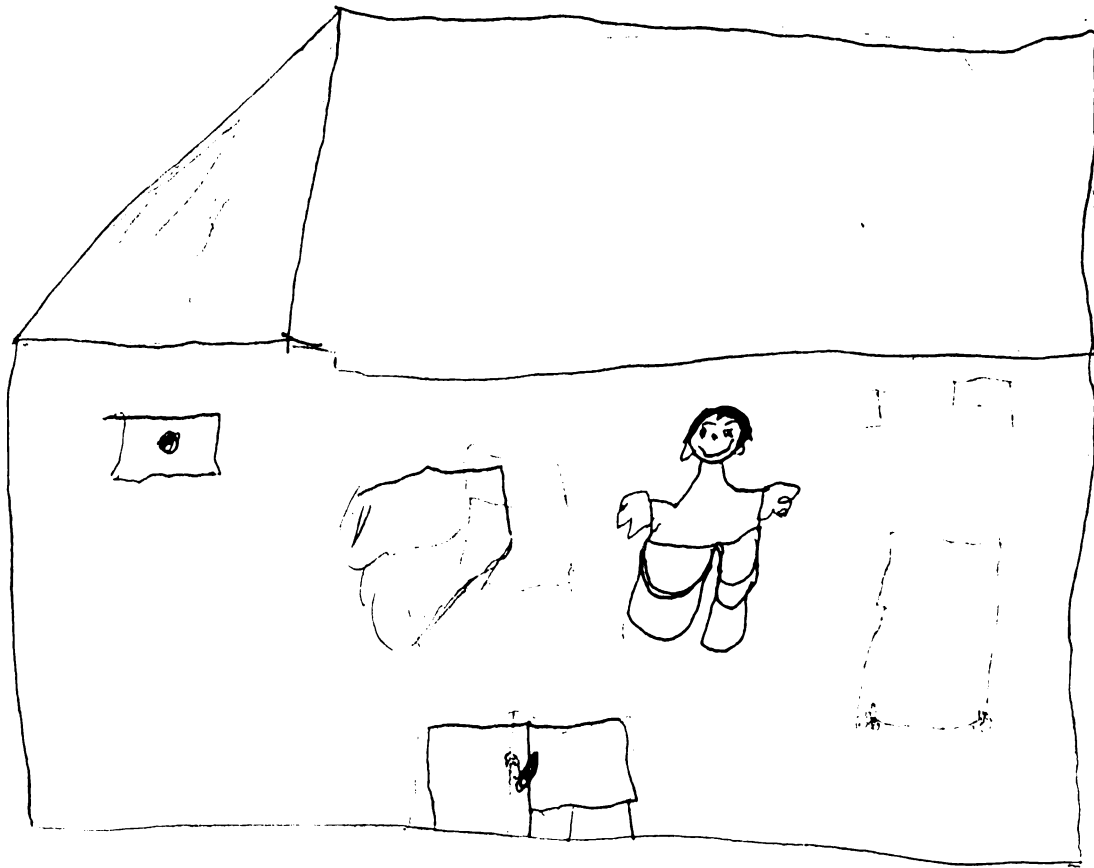
Prof^ª Renata porque ela da recreação como desenhos, ela ensina a escrever corretamente passa lição no quadro.

Prof^ª de educação física da recreação, deixando os alunos a vontade.

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

Os professores deveriam ser bons com os alunos
As aulas deveriam ser boas, com atividades.

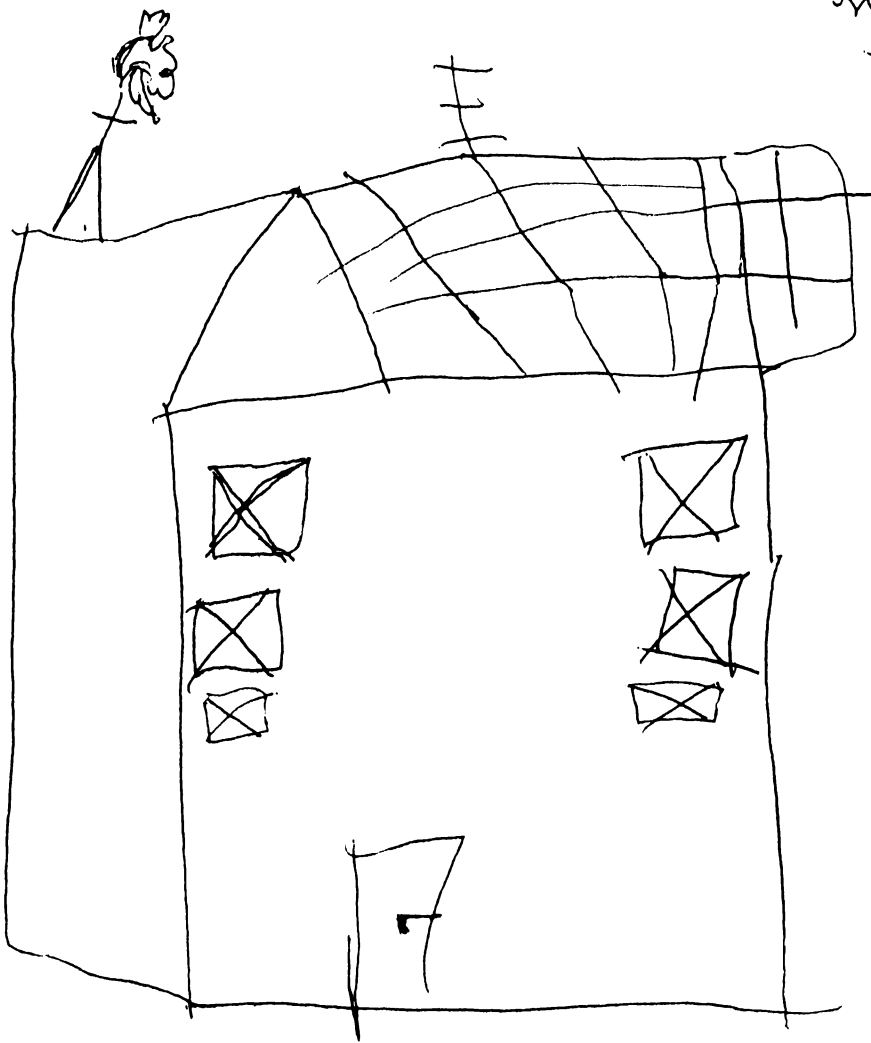
As salas deveriam ser grandes, onde a recreação deveria ser dada na sala quando não possível ser dada à recreação fora da sala, a escola poderia continuar do jeito que está.



5. Quais os professores que você mais gosta? *Súcia porque ela manda um Bente de licão de Português*

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

*na escola que eu construiu
não com Professores legais
e crianças educadas
ela não limpa a bu
nito e legal com segun
ça para as crianças*



8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

e questionários

NOME: Adriana Neri dos Santos IDADE: 13 anos
 ESCOLA: M. Rio Negro - Pinh. SÉRIE: 4ª

* 1. Fale sobre a sua escola.

ela é boa eu gosto
de Brincar na escola

2. Por que você está na escola? —

pra grande lição
de escrever

3. De que você não gosta na escola?

de ir cedo
mas lanche
eu gosto das g. que

4. De que você mais gosta?

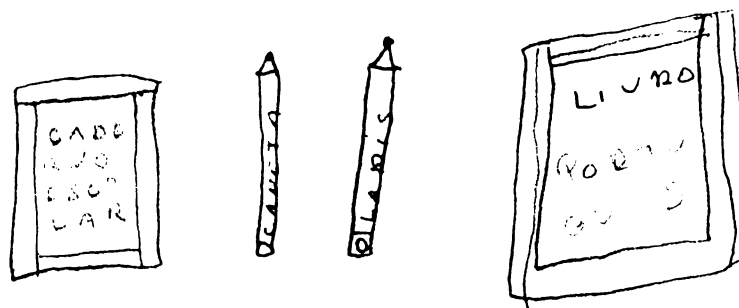
o lanche

5. Quais os professores que você mais gosta?

Porque eles ensinam
 muita coisa assim

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

matemática e os Professores seria bom
 Português eles vão ensinar a ler
 Geografia e escrever de tratamento dos alunos
 Etc...



8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS
e questionários

(não sabe escrever)
a mãe dele escreveu por ele, mas respostas.

NOME: Rafael Capistrano Gaspar IDADE: 10 anos

ESCOLA: M. São Mateus do Sul SÉRIE: 2ª
Parque Industrial

1. Fale sobre a sua escola. A escola legal bonita

legal. A comida gostosa - ela...

2. Por que você está na escola? por o ~~professor~~ (Broque)
Porque ela é boa, porque ela ensina a gente com um
Bom jeito legal.

3. De que você não gosta na escola? Das coisas que me dão

4. De que você mais gosta? Do lanche e das professoras que
ensinam.

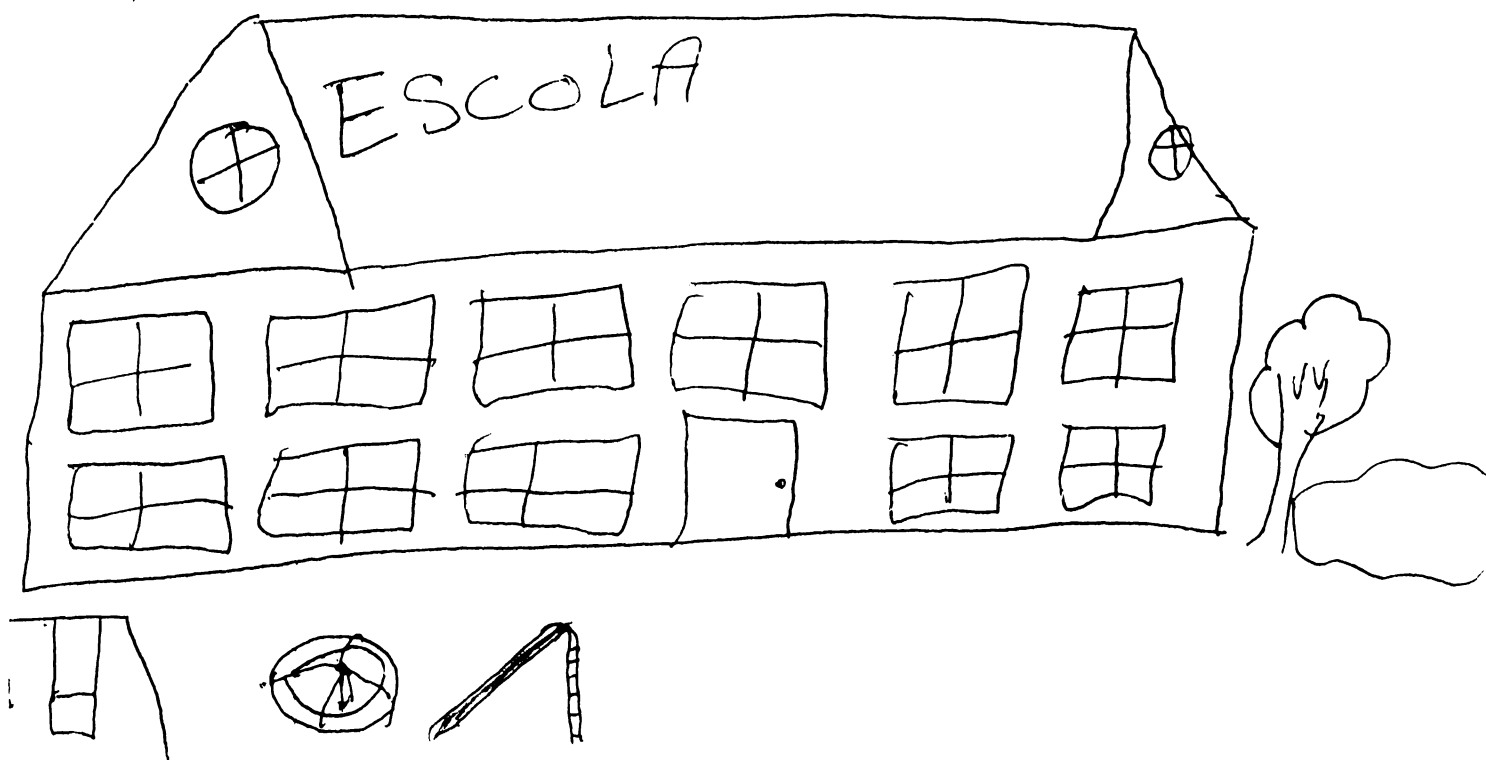
5. Quais os professores que você mais gosta?

OK São os professores de história, geografia, ciências, Artística, Física, Português, Inglês. Por que eles são legais e me compreendem e não são chatos, e os outros são chatos que só brigam comigo e não entendem o que eu estou falando.

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam

os professores, as aulas, as salas e toda a escola?

OK Seriam legais e que dessem mais atenção para as crianças, as aulas seriam divertidas que ensinassem mais, as salas seriam todas enfeitadas e com todo o material que usa.



8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

e questionário

NOME: Flávio Rodrigues de Melo IDADE: 12ESCOLA: Professora Israel Lopes SÉRIE: 5ª

1. Fale sobre a sua escola.

Minha escola é de uma parte de madeira e outra parte de material, ela tem um pátio grande. A minha escola tem que ser reformada por que faz mais de 10 anos que foi reformado.

2. Por que você está na escola?

Por que eu tenho que estudar pra ser alguém quando crescer. Se eu não estudar eu não vou ser ninguém. Nós temos que estudar pra ter um emprego fixo.

3. De que você ~~não~~ gosta na escola?

Das Professoras, do educação física e quando os professores explica uma matéria nova.

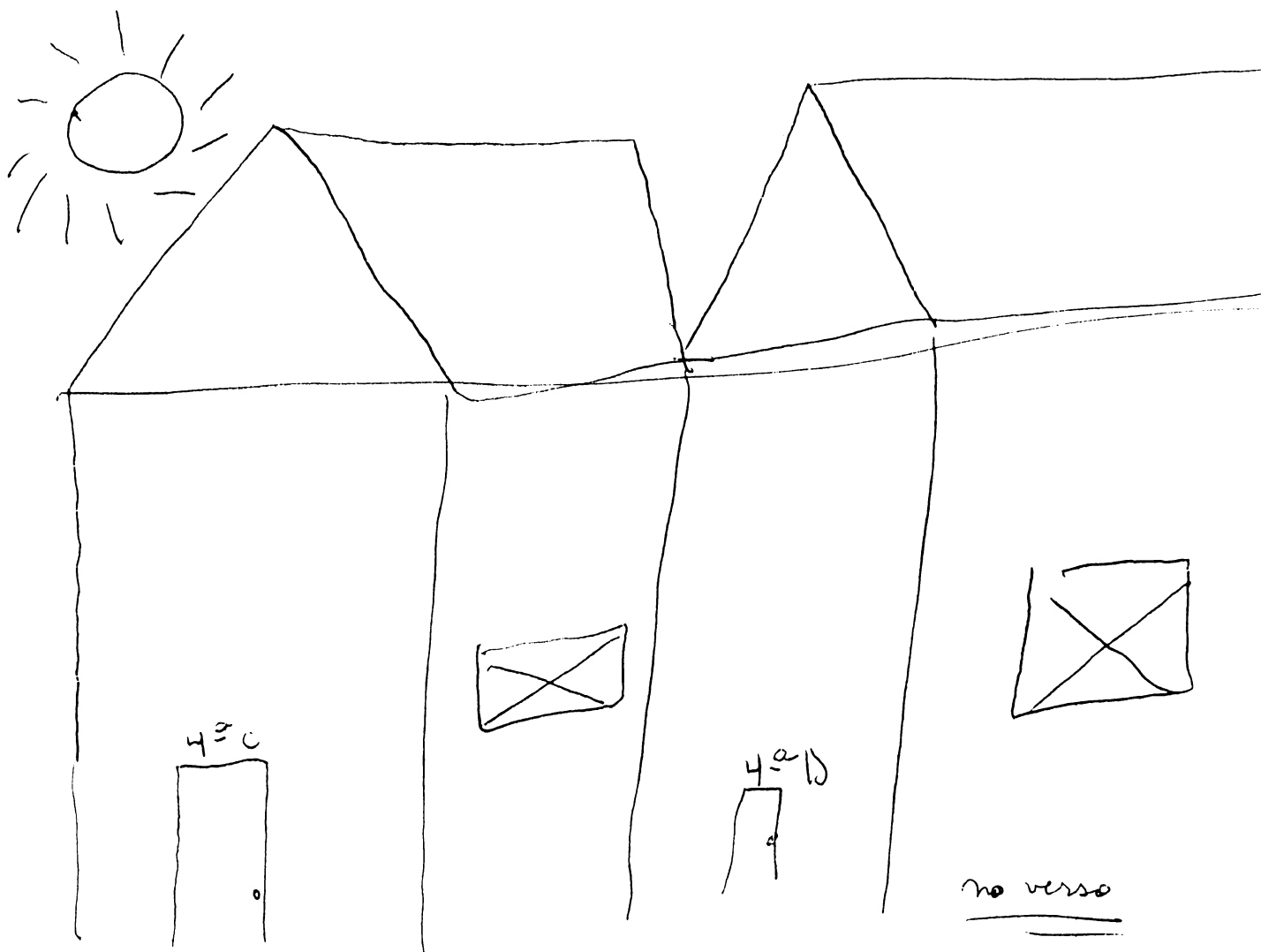
4. De que você ~~não~~ ^{não} gosta?

Do professor de matemática vive pegando no meu pé. Eu não gosto do tipo de atitude que os professores tem quando alguém faz bagunça.

5. Quais os professores que você mais gosta?

Esle, física, e artística,
Por que eles são muito legais

6. Se você pudesse fazer uma escola para as crianças, como seriam os professores, as aulas, as salas e toda a escola?



8. ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

e questionários

NOME: Flavio Carlos de Moura IDADE: 10a

ESCOLA: Est. Isabel Lopez SÉRIE: 45A

1. Fale sobre a sua escola.

A minha escola, muito divertida, e eu tenho muitos amigos.

2. Por que você está na escola?

Eu estou na escola para aprender, e para ser educado.

3. De que você não gosta na escola?

Eu não gosto dos meus inimigos. Porque eles não me latam.

É eu não gostei }
da professora que }
dá a disciplina }
em mim.

4. De que você mais gosta?

Eu gosto muito de estar presente na sala de aula dos professores.

É por que você falta na escola?

Porque eu vou sentar vivo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CECCON, Claudius, *et alii*. **A Vida na Escola e a Escola da Vida**. 11ª ed., Petrópolis: Vozes, 1984.
- CHENIAUX, Sonia. **Trapaceiros e Trapaceados**. 3ª ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1988.
- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. 2ª ed., Portugal: Porto Editora, 1994.
- FERREIRA, Marisa Elizabete Amann. **A Vivência das Famílias no Bolsão Sabará e suas Relações na Busca de Compreensão de seu Vivido por Intermédio da Reflexão e do Diálogo**. Trabalho de conclusão de Curso de Serviço Social. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC, 1999.
- FRANCO, Luis Antonio Carvalho. (CENAFOR/MEC). **A Disciplina na Escola**. In Revista ANDE, nº 11, ano 06, 1986.
- GENTILI, Pablo. **Pedagogia da Exclusão. Críticas ao Neoliberalismo em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LARA, Luisa Castigliani. **Por Que as Crianças Não Gostam da Escola?** Cadernos de Educação Popular, nº 12, Petrópolis: Vozes, 1985.
- LEITE, Marinê Fecci B. **A Criança Trabalhadora. A Praxis na Rua**. Dissertação de Mestrado, Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, 1995.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências Pedagógicas na Prática Escolar**. Revista ANDE, ano 03, nº 06, 1983.

- MELLO, Guimar Nano. **Fatores Intra-escolares como Mecanismos de Seletividade no Ensino de 1º Grau.** In Comunicação Apresentada no Simpósio “Seletividade do Ensino de 1º e 2º Graus”. Fundação Carlos Chagas, 30ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo: 9 a 15 de julho de 1978.
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a Escola.** São Paulo: Ática.
- ROSENBERG, Flávia. **Educação: Para Quem?** Ciência e Cultura. V. 28, nº 12, p.1469-1471, São Paulo: 1976.
- SAVIANI, Demerval. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica.** São Paulo: Ed. Cortez, 1980.
- _____. **Escola e Democracia: Para Além da Teoria da Curvatura da Vara.** Revista ANDE, ano 2, nº 03, 1982.
- _____. **Pedagogia Histórico-crítica, Primeiras Aproximações.** 5ª ed., São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. **As Teorias da Educação e o Problema da Marginalidade na América Latina.** Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, nº 42, agosto/1982.
- SILVA, Francisco Vaz. **Adaptações Mútuas e Processos de Negociação.** Revista Portuguesa de Educação. Universidade do Minho – I.E.P., 1996, p.161-186).
- SIRGADO, Angel Pino. **Uma Pedagogia para o “Menor Marginalizado”.** Revista Educação e Sociedade, nº 05, CEDES, Rio de Janeiro: Ed. Cortez, 1980.

- TRATCH, Hilda Romanoski, *et alii*. **A Escola na Vida dos Meninos de Rua**. Monografia de conclusão de curso de pós-graduação. Curitiba: Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão, 1998.